



PRODUTOS TRADICIONAIS COM NOMES PROTEGIDOS

2000

Apresentação e análise de dados sobre produção, preços e comercialização

DIRECÇÃO GERAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE PLANEAMENTO

DIVISÃO DE ESTUDOS, PLANEAMENTO E PROSPECTIVA

PRODUTOS TRADICIONAIS COM NOMES PROTEGIDOS

Apresentação e análise de dados sobre produção, preços e comercialização
2000

Elaboração:
Victor Oliveira

Março de 2002

ÍNDICE

Parte 1

1 – Apresentação	2
2 – Metodologia	3
3 – Alguns conceitos e definições	4
4 – Sinais convencionis	5

Parte 2

4 - Apresentação dos resultados por produto e sector:	7
4.1 – Queijos	7
4.2 – Carnes de bovino	14
4.3 – Carnes de ovino	21
4.4 – Carnes de caprino	28
4.5 – Carne de suíno	33
4.6 – Produtos de salsicharia	35
4.7 – Méis	43
4.8– Azeites	49
4.9 – Frutos	57

Parte 3

5 –Conclusões:	65
5.1 – Abordagem por sector e região	66
5.2 – Outras conclusões	68
6 – Referências bibliográficas	71

Parte 1

Apresentação

Metodologia

Alguns conceitos e definições

Sinais convencionais

1. Apresentação

Desde 1997, que a Direcção Geral de Desenvolvimento Rural tem anualmente realizado e publicado resultados de inquéritos sobre os produtos tradicionais com nomes protegidos. Deste modo se tem contribuído para caracterizar e estudar a evolução da situação desses produtos, bem como o impacte respectivo sobre as condições de desenvolvimento das zonas rurais, ao abrigo dos regulamentos comunitários nº 2081/92 e nº 2082/92 e da portaria nº 94 – A/2001 de 09-03-2001.

Incluem-se neste contexto várias dezenas de produtos portugueses, aos quais se encontram associadas as Denominações de Origem Protegidas (DOP), Indicações Geográficas Protegidas (IGP) e Especialidades Tradicionais Garantidas (ETG).

Esta actividade é realizada pela Divisão de Estudos, Planeamento e Prospectiva, da Direcção de Serviços de Planeamento, contando também com a colaboração da Divisão de Promoção dos Produtos de Qualidade.

O presente relatório é constituído por três partes: na primeira faz-se a apresentação do trabalho, refere-se a respectiva metodologia, apresentam-se alguns conceitos e definições bem como os sinais convencionais adoptados; na segunda descrevem-se os resultados de cada produto por sector, abrangendo os Queijos (14), Carnes de bovino (12), Carnes de ovino (8), Carnes de caprino (5), Carne de Suíno (1), Produtos de salsicharia (22), Méis (12), Azeites (6) e Frutos (21), num total de 101 produtos com nomes protegidos existentes em 2000, dos quais 75 foram efectivamente comercializados; finalmente na terceira parte apresentam-se algumas conclusões, numa abordagem sectorial e regional.

2. Metodologia

A recolha dos dados sobre a situação dos produtos tradicionais com nomes protegidos foi efectuada através de inquéritos exaustivos e por via postal, dirigidos aos Agrupamentos Gestores. Procedeu-se também ao acompanhamento e validação, sempre que necessário e possível, das respostas.

Os inquéritos tiveram como período de referência o ano de 2000 ou a campanha de 1999/2000, conforme os casos. Esta recolha de informações efectuou-se ao longo do ano de 2001.

Foram elaborados questionários-tipos abrangendo oito sectores:

- Queijos
- Carnes de bovino
- Carnes de ovino
- Carnes de caprino
- Carnes de suíno
- Produtos de salsicharia
- Méis
- Azeites
- Frutos

A estrutura dos inquéritos-tipo teve uma composição de base semelhante, de modo a estabelecer referências comuns e permitir algumas comparações.

Os temas questionados abrangeram resumida e essencialmente os seguintes pontos:

- Elementos envolvidos na produção
- Quantidades produzidas
- Preços de venda ao produtor
(*Essencialmente preços à 1ª transacção, mínimo, máximo e mais frequente*)
- Modalidades de venda (à 1ª transacção)
(*Para: Comércio tradicional, Intermediário, Feiras, Directa ao consumidor, Grandes superfícies, Outras*)
- Calendário de comercialização
- Acções de promoção
- Localização das vendas (a partir dos agrupamentos/produtores)
(*Nível local, Nível Nacional, Exportação*)

- Factores que condicionaram a produção (DOP, IGP, ETG)
(*Nº de produtores aderentes, Preços dos produtos similares correntes, Eficiência dos circuitos de comercialização, Nº de unidades licenciadas, Funcionamento do Agrupamento e do OPC, Outros*)

O trabalho realizado envolveu as seguintes etapas ou fases:

- Actualização dos questionários de 1999
- Envio dos questionários para preenchimento aos Agrupamentos Gestores
- Recepção e análise nos serviços centrais (DSP) dos questionários preenchidos
- Contactos com os Agrupamentos para: completar os preenchimentos, casos de não-resposta e esclarecimentos de dúvidas
- Tratamento da informação recolhida e elaboração de quadros de apuramentos
- Divulgação dos resultados, através de relatório

3. Alguns conceitos e definições

Agrupamento Gestor do Nome Protegido: é uma organização, qualquer que seja a sua forma jurídica ou composição, constituída por produtores ou transformadores do produto agrícola ou do género alimentício cujo nome se pretende proteger e que gere o uso da DOP, IGP ou ETG.

Organismo Privado de Controlo e Certificação: estrutura de controlo, que garante que os produtores beneficiários da DOP, ou IGP, ou ETG, satisfazem as condições constantes no Caderno de Especificações; em suma controla a produção, elabora os respectivos relatórios e certifica os produtos autorizando o uso da marca de certificação.

Denominação de Origem Protegida (DOP): é o nome de uma região ou local servindo para designar um produto com uma forte ligação a essa região, de tal forma que é possível provar que a qualidade desse produto é influenciada pelos solos, clima, raças animais ou variedades vegetais e pelo saber-fazer das pessoas dessa área.

Indicação Geográfica Protegida (IGP): é o nome de uma região ou local servindo para designar um produto, em que pelo menos uma parte do seu ciclo produtivo tem origem nesse local e possui uma “reputação” associada ao mesmo, permitindo ligar algumas das características do produto aos solos, clima, raças animais, variedades vegetais ou saber-fazer das pessoas dessa área.

Especialidade Tradicional Garantida (ETG): é um produto agrícola ou um género alimentício, que ou é produzido, ou tem uma composição, ou modo de produção/transformação, **tradicionais**.

Peso Limpo: Corresponde ao corpo da rês despojada da pele (ruminantes e equídeos), ou de pêlo (suínos) e de todos os órgãos internos com excepção dos rins e gorduras envolventes dos ruminantes e equídeos, depois de desprovidos da cabeça e extremidades locomotoras e cauda (excepto suínos).

4. Sinais convencionais

Segundo o critério seguido pelo INE e de acordo com as necessidades, não sendo forçosamente exaustiva a sua utilização, foram adoptados para utilizar nos diferentes quadros deste relatório os sinais que a seguir se descrevem:

...	= Dado confidencial
-	= Resultado nulo
x	= Dado não disponível
"	= Estimativa
*	= Dado rectificado

Parte 2

Apresentação dos resultados por produto e sector

Queijos

Carnes de bovino

Carnes de ovino

Carnes de caprino

Carne de suíno

Produtos de salsicharia

Méis

Azeites

Frutos

4 Apresentação dos resultados por produto e sector

4.1 - Queijos

Genérico *:

A produção nacional de queijos curados, em 2000, terá sido da ordem das 60.000 t. correspondendo a 92% do total dos queijos (curados, frescos e fundidos).

Nos últimos anos, o grau de auto-aprovisionamento para o consumo de queijos tem diminuído e foi da ordem dos 85% em 2000. No sentido inverso, a capitação tem vindo a aumentar, sendo da ordem de 9,0kg/hab./ano.

* : Estatísticas Agrícolas do INE.

Produção:

Os **14** queijos com nomes protegidos existentes no País em 2000, foram todos efectivamente produzidos e comercializados, assinalando-se o início da produção e comercialização do Queijo Rabaçal.

A produção destes queijos em 2000 foi de **1365 t.**, isto é mais **7%** que em 1999 (1276t), representando cerca de **2,3%** da produção total nacional de queijos curados.

Os queijos elaborados a partir de leite de ovelha predominam em número (7), embora os queijos dos Açores, obtidos a partir do leite de vaca, apresentem as maiores produções, contribuindo com 64% do total da produção de queijos com DOP.

Preços:

Relativamente ao ano anterior, as alterações significativas dos preços mais frequentes nas queijarias verificaram-se no **Queijo Castelo Branco** (-32%) e no **Queijo Mestiço de Tolosa** (59%). Nos restantes 12 queijos as alterações não foram tão significativas.

Os preços mais frequentes dos queijos de leite de ovelha variaram de **2200 a 3500 esc/kg** os de leite de ovelha e cabra de **1900 a 3500** e os de leite de vaca de **1000 a 1218**.

As oscilações dos preços mínimos e máximos foram maiores para o **Queijo Rabaçal**, o **Queijo de Évora** e o **Queijo de Nisa**.

As diferenças entre os preços dos queijos com DOP e os similares correntes na mesma área geográfica de produção, foram **significativas** para o: Queijo Rabaçal (94%) Queijo Serra da Estrela (55%), Queijo de Cabra Transmontano(36%) e o Queijo Castelo Branco (32%). Na maioria dos outros queijos, estas diferenças situaram-se entre os 18% e 30%.

Comercialização:

Estes queijos foram comercializados na maior parte pelos agrupamentos (50%), seguindo-se os produtores individuais (43%) e por fim outros (7%). De qualquer modo, esta situação deve-se ao peso relativo do Queijo São Jorge, em que 97% foi vendido pelo agrupamento. Na grande maioria (11) dos outros queijos, foram os produtores individuais que comercializaram a maior parte.

Efectuaram-se 80% das vendas para fora dos concelhos de produção, nível nacional registando-se 18% dentro dos referidos concelhos ou nível local e 1% para exportação.

Os meios de promoção mais utilizados foram as Feiras e a Imprensa escrita.

Modalidades de escoamento:

Verificou-se uma alteração na ordem de importância das duas principais formas de escoamento dos queijos a partir dos produtores. Assim, em 2000 os **Intermediários** passaram a liderar este processo com **42%**, seguindo-se as **Grandes Superfícies** com **38%**.

Os **Intermediários** foram a modalidade mais importante nos casos do Queijo Terrincho (70%), Queijo de Cabra Transmontano (94%), Queijo Serra da Estrela (70%) e do Queijo São Jorge (59%).

Condicionantes da produção com DOP:

O factor condicionante da produção mais referido continuou a ser, com referência ao ano precedente, "os circuitos de comercialização". Por outro lado, foi referida também a necessidade de uma maior aposta no marketing.

Quadro 1 – Queijos com nomes protegidos em 2000

Nomes protegidos (em 2000)	Despachos normativos (DR II Série)	Agrupamentos Gestores	OPC	Com produção (2000)
Queijo Terrincho (DOP)	D.16/94; 26/01	QUEITEQ	TRAD ^{ao} QUAL ^{dade}	.
Queijo de Cabra Transmontano (DOP)	D.20/94; 31/01	LEICRAS	ANCRAS	.
Queijo Rabaçal (DOP)	D.12/94; 26/01	COPRORABAÇAL	SICÓ-Qualidade	.
Queijo Serra da Estrela (DOP)	D.6/94; 26/01	ESTRELACOOP	FAPROSERRA	.
Queijo de Castelo Branco (DOP) ¹	D.4/94; 26/01	A.P.Q.D. C.Branco	BEIRA TRAD ^{ao}	.
Queijo Amarelo da Beira Baixa (DOP) ¹	"	"	"	.
Queijo Picante da Beira Baixa (DOP) ¹	"	"	"	.
Queijo de Azeitão (DOP)	D.15/94; 26/01	A.P.Q. de Azeitão	ARCOLSA	.
Queijo de Évora (DOP)	D.29/94; 04/02	CO de Évora	AADE	.
Queijo de Nisa (DOP)	D.9/94; 26/01	NATUR-AL-CARNES	AADP	.
Queijo Mestiço de Tolosa (IG)	D.3775/98;05/03	"	"	.
Queijo Serpa (DOP)	D.52/94; 15/02	QUEIJOSERPA	ACOS	.
Queijo São Jorge (DOP)	D.01/94; 01/02	UNIQUEIJO	CQSJ	.
Queijo do Pico (DO)	D.32/96; 29/10	A.P.Q. do Pico	IAMA	.
14		11	11	14

¹: DOP integrada nos “Queijos da Beira Baixa”

AGRUPAMENTOS GESTORES:

QUEITEQ:	Cooperativa dos Produtores de Leite de Ovinos da Terra Quente, CRL
LEICRAS:	Cooperativa de Produtores de Leite de Cabra Serrana, CRL
COPRORABAÇAL:	Cooperativa de Produtores do Queijo do Rabaçal, CRL
ESTRELACOOP:	Cooperativa de Produtores de Queijo Serra da Estrela, CRL
A.P.Q.D.C.Branco:	Associação dos Produtores de Queijo do Distrito de Castelo Branco
A.P.Q.de Azeitão:	Agrupamento de Produtores de Queijo de Azeitão, LDA
C.O. de Évora:	Cooperativa Ovina de Évora, CRL
NATUR-AL-CARNES:	Agrupamento de Produtores Pecuários do Norte Alentejo, SA
QUEIJOSERPA:	Agrupamento de Produtores
UNIQUEIJO:	União de Cooperativas Agrícolas de Lacticínios de S.Jorge, UCRL
A.P.Q. do Pico:	Associação de Produtores de Queijo do Pico

OPC: ORGANISMOS PRIVADOS DE CONTROLO E CERTIFICAÇÃO

TRAD^{ao}QUAL^{dade}:	Tradição e Qualidade - Associação Interprofissional para os Produtos Agro-alimentares de Trás-os-Montes
ANCRAS:	Associação Nacional dos Caprincultores da Raça Serrana
SICÓ-Qualidade:	Centro de Controlo e Certificação de Produtos Agro-Alimentares de Sicó
FAPROSERRA:	Federação das Associações de Produtores de Queijo Serra da Estrela
BEIRA TRAD^{ao}:	Beira Tradição, Certificação de Produtos da Beira, LDA
ARCOLSA:	Associação Regional de Criadores de Ovinos Leiteiros da Serra da Arrábida
AADE:	Associação de Agricultores do Distrito de Évora
AADP:	Associação dos Agricultores do Distrito de Portalegre
ACOS:	Associação de Criadores de Ovinos do Sul
CQSJ:	Confraria do Queijo São Jorge
IAMA:	Instituto de Alimentação e Mercados Agrícolas

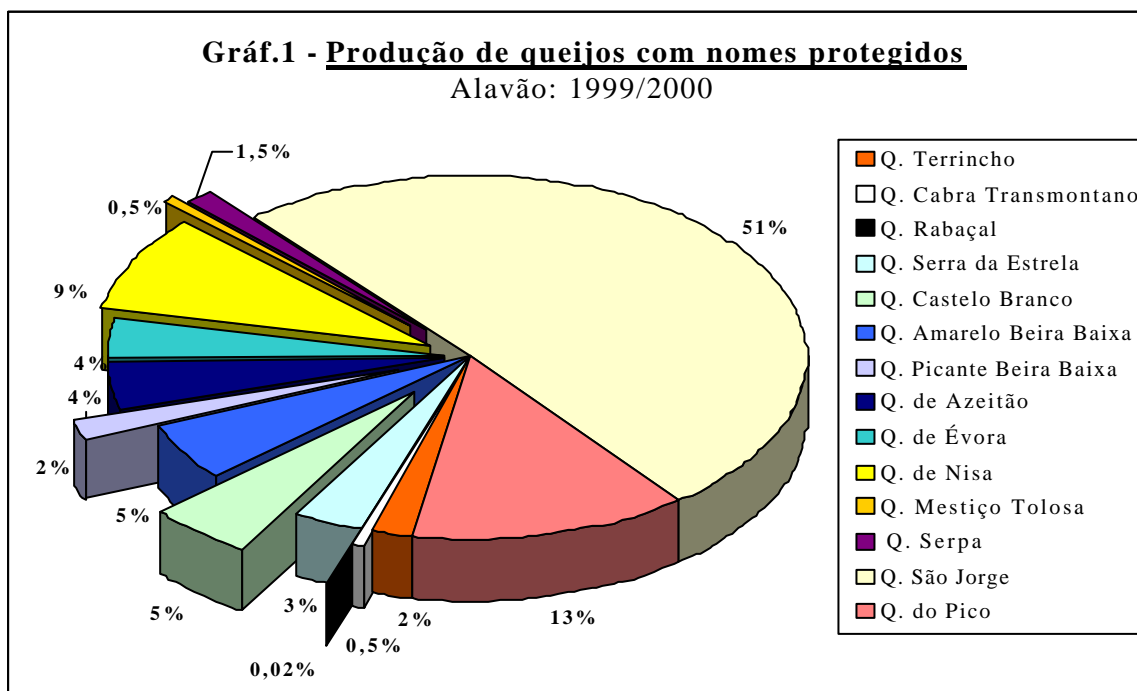
Quadro 2 - Elementos envolvidos e produção de queijos com nomes protegidos

Alavão: 1999/2000

Designação	Nº explorações abastecedoras de leite	Número de queijarias	Produção (kg)
Queijo Terrincho (o)	148	2	26562
Queijo de Cabra Transmontano ©	40	3	6702
Queijo Rabaçal (m)	152	4	218
Queijo Serra da Estrela (o)	56	40	47000 ²
Queijo Castelo Branco (o)	61	3	65625
Queijo Amarelo da Beira Baixa (m) ¹	113	8	73600
Queijo Picante da Beira Baixa (m) ¹	125	4	23450
Queijo de Azeitão (o)	24	7	55482
Queijo de Évora (o)	23	8	48516
Queijo de Nisa (o)	34	12	120271
Queijo Mestiço de Tolosa (m)	18	3	7369
Queijo de Serpa (o)	20	4	20000
Queijo São Jorge (v)	373	7	689312
Queijo do Pico (v)	15	11	181000

¹: O Queijo Amarelo da Beira Baixa e o Queijo Picante da Beira Baixa são produzidos de forma complementar e com meios comuns.

²: Produção do Queijo Serra da Estrela por estimativa. Não foram disponibilizados os dados em poder da “FAPROSSERRA”, que foi substituída pela “BEIRA TRADIÇÃO” .



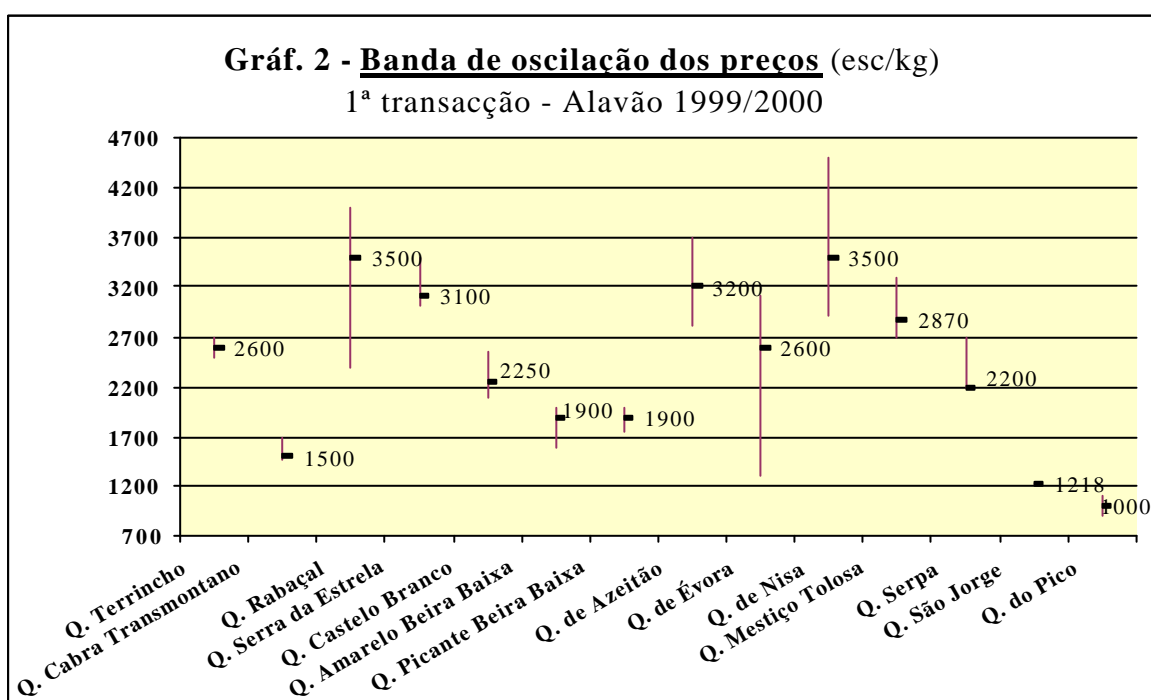
Quadro 3 - Preços relativos à primeira transacção
Alavão: 1999/2000

Designação	Mais frequente	Mínimo	Máximo
Queijo Terrincho (o)	2600	2500	2700
Queijo de Cabra Transmontano ©	1500	1450	1700
Queijo Rabaçal (m)	3500	2400	4000
Queijo Serra da Estrela ¹ (o)	3100	3000	3500
Queijo Castelo Branco (o)	2250	2100	2550
Queijo Amarelo da Beira Baixa (m)	1900	1600	2000
Queijo Picante da Beira Baixa (m)	1900	1750	2000
Queijo de Azeitão (o)	3200	2800	3700
Queijo de Évora ² (o)	2600	1300	3100
Queijo de Nisa (o)	3500	2900	4500
Queijo Mestiço de Tolosa (m)	2870	2700	3280
Queijo de Serpa (o)	2200	2200	2700
Queijo São Jorge ³ (v)	1126	x	x
Queijo do Pico (v)	1000	900	1100

¹: Não se incluem os dados que estavam em poder da FAPROSSERRA.

²: Preços da categoria de queijo de Évora: “pequeno, pasta dura”.

³: Valor médio das duas categorias deste queijo: “com três meses de cura” e “com quatro meses de cura”.



Quadro 4 – Calendário do alavão dos queijos com nomes protegidos em percentagens - Alavão 1999/2000

Queijo Terrincho. (referente apenas ao ano civil de 2000)

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
13	18	17	7	2	3	3	4	7			

Queijo de Cabra Transmontano. (referente apenas ao ano civil de 2000)

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1	3	2	4	10	12	16	22	18	8	1	

Queijo Rabaçal

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
	3	3	5	12	12	15	15	15	20		

Queijo Serra da Estrela

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
										35	65

Queijo de Castelo Branco

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
7	7	8	10	5	8	5		18	6	8	18

Queijos Amarelo da Beira Baixa

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
10	10	10	6	4	12	11	2	9	9	7	10

Queijo Picante da Beira Baixa

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
11	11	11	6	9		9	9	9	13	3	9

Queijo de Azeitão

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
10	11	12	10	8	8	8	3	5	4	7	14

Queijo de Évora

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
5	7	14	5	7	7	8	4	9	15	7	12

Queijo de Nisa (referente apenas ao ano civil de 2000)

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
4	24	22	4	3	4	4	5	6	7	8	9

Queijo Mestiço de Tolosa

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
4	21	21	21	5	4	4	4	4	4	4	4

Queijo de Serpa (estimativa)

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
12	15	15	14	12	4	4	2	2	4	4	12

Queijo São Jorge

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
7	8	10	7	8	9	7	9	9	9	9	8

Queijo do Pico (valores não disponibilizados)

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Quadro 5 - Modalidades de escoamento

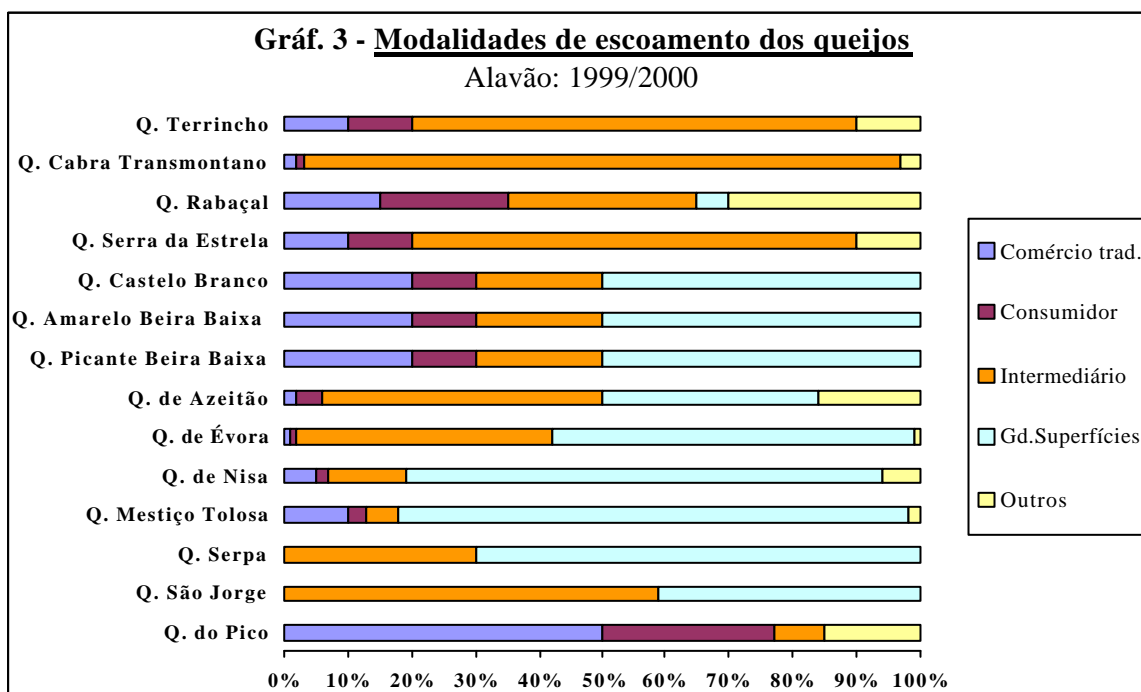
Alavão: 1999/2000

Em %

Designação	Comércio tradicional	Consumid	Intermed.	Grandes Superfícies	Outros ¹
Queijo Terrincho (o)	10	10	70	-	10
Queijo de Cabra Transmontano ©	2	1	94	-	3
Queijo Rabaçal (m)	15	20	30	5	30
Queijo Serra da Estrela ² (o)	10	10	70	-	10
Queijo Castelo Branco (o)	20	10	20	50	-
Queijo Amarelo da Beira Baixa (m)	20	10	20	50	-
Queijo Picante da Beira Baixa (m)	20	10	20	50	-
Queijo de Azeitão (o)	2	4	44	34	16
Queijo de Évora (o)	1	1	40	57	1
Queijo de Nisa (o)	5	2	12	75	6
Queijo Mestiço de Tolosa (m)	10	3	5	80	2
Queijo de Serpa (o)	-	-	30	70	-
Queijo São Jorge (v)	-	-	59	41	-
Queijo do Pico (v)	50	27	8	-	15
MÉDIAS (ponderadas)	10,2	5,7	42,2	38,1	3,8

¹: Compreende as FEIRAS e a RESTAURAÇÃO.

²: Não se incluem dados que estavam em poder da FAPROSSERRA



4.2 – Carnes de Bovino

Genérico *:

O total do efectivo bovino em Portugal, referente a 1 de Dezembro de 2000, era de 1.414.000 cabeças, com a seguinte distribuição: ≤ 1 ano = 28%; 1 a 2 anos = 16%; ≥ 2 anos = 56%.

A produção de carne de bovino, em peso limpo de carcaças, foi de 100 706t.

Os abates de bovinos aprovados para consumo, totalizaram 99.980t. em carcaças, representando um aumento de 2,6% em relação ao ano anterior. A estrutura das reses abatidas e aprovadas para consumo era a seguinte: Vitelos = 20%; Novilhos = 47%; Novilhas = 10%; Vacas = 20%; Bois = 2%.

O grau de auto-provisionamento foi da ordem dos 58% e o respectivo consumo per capita de 16kg/hab./ano.

* : Estatísticas Agrícolas do INE.

Produção:

Manteve-se o número de carnes de bovino com nomes protegidos (12) , mas aumentou de 10 para **11**, com a entrada da **Carne Marinhoa**, o número das que efectivamente foram produzidas e comercializadas.

A quantidade produzida destas carnes aumentou **15%** em 2000, tendo sido a respectiva produção de **1.585 t.**, o que representa cerca de **1,6%** da produção total no País.

A categoria dos Vitelos foi a que registou o maior aumento (23%). Individualmente, só não aumentaram as produções da **Carne Barrosã** (-0,3%) e da **Carne de Bovino Tradicional de Montado** (-17%)

As categorias de animais mais relevantes foram os **Novilhos** (63%) e os **Vitelos** (35%).

Preços:

As médias dos preços mais frequentes, a nível dos agrupamentos, mantiveram-se relativamente estáveis em 2000 relativamente ao ano anterior: Vitelos (+0,2%), Novilhos (+2,5%) e Novilhas (+0,4%).

A Carne de Bovino Cruzado Lameiros do Barroso e a Carne Mertolenga destacaram-se pelo nível dos preços atingidos.

Importa também referir, que se questionaram os respectivos agrupamentos sobre os preços ao produtor das carcaças dos animais da raça sem DOP. Com base nos 6 casos em que se obtiveram respostas sobre esta questão, verificou-se que o diferencial DOP/Sem DOP dos preços ao produtor destas carnes em esc/kg variou de +8% a +24%.

Comercialização:

Na sua quase totalidade, exceptua-se parte da carne de Vitela de Lafões (22%), estas carnes foram comercializadas através dos respectivos agrupamentos gestores do nome (de produtores).

Em **6** das 11 carnes de bovino comercializadas neste âmbito, prevaleceram as vendas nos concelhos de produção e em **5** prevaleceram as vendas fora dos concelhos de produção respectivos (nível nacional). Contudo, em termos da quantidade global destas carnes sobressaíram (**72%**) as vendas a nível nacional.

Quanto aos meios mais empregues para promover estes produtos, a situação não se alterou muito, sendo as Feiras e a Imprensa escrita os mais utilizados.

Modalidades de escoamento:

As **Grandes Superfícies** mantém-se como a forma de escoamento mais importante à primeira transacção, com **80%** do total; seguiram-se por ordem de importância os Talhantes (9%) e a Restauração (5%).

Condicionantes da produção:

Os problemas nos circuitos de comercialização e os mais baixos preços das carnes correntes de bovino continuam a ser os factores mais frequentemente apontados, como tendo condicionado a produção das carnes de bovino com nomes protegidos em 2000.

Quadro 6 – Carnes de bovino com nomes protegidos em 2000

Nomes protegidos (em 2000)	Despachos normativos	Agrupamentos Gestores	OPC	Com produção (2000)
Carne Arouquesa (DOP)	D.1794/94 DR II Série, 31/01	ANCRA	Norte e Qualidade	.
Carne Cachena da Peneda (DO)	D.36/94 DR II Série, 04/02	C.A.A.Arcos Valdevez	“	.
Carne Maronesa (DOP)	D.14/94 DR II Série, 26/01	C.A. Vila Real	TRAD ^{ão} QUAL ^{dade}	.
Carne Barrosã (DOP)	D.18/94 DR II Série, 31/01	CAPOLIB	Norte e Qualidade	.
Carne Mirandesa (DOP)	D.35/94 DR II Série, 04/02	AGROPEMA	A.C.B.Raça Mirandesa	.
Carne Marinhola (DOP)	D.3294/94 DR II Série, 04/02	A.C.B.Raça Marinhola		.
Vitela de Lafões (IGP)	D.55/94 DR II Série, 03/02	CAV	ADRL	.
Carnalentejana (DOP)	D.5/94 Dr II Série, 26/01	CARNALENTEJANA	CERTIALENTEJO	.
Carne Mertolenga (DOP)	D.7/94 Dr II Série, 26/01	MERTOCAR	“	.
Carne de Bovino Tradicional do Montado (ETG – Registo provisório)	D.138/96 Dr II Série, 30/12	ACOMOR	“	.
Carne de Bovino Cruzado Lameiros do Barroso (IG)	D.8407/98 DR II Série, 20/05	C.A.P.B.S.Montalegre	TRAD ^{ão} QUAL ^{dade}	.
Carne da Charneca (DO)	D.6641/98 DR II Série, 22/04	MERTOCAR	CERTIALENTEJO	.
12		11	5	11

AGRUPAMENTOS GESTORES:

ANCRA:	Associação Nacional dos Criadores da Raça Arouquesa
C.A.A.Arcos Valdevez:	Cooperativa Agrícola dos Agricultores de Arcos de Valdevez, CRL
C.A.Vila Real:	Cooperativa Agrícola de Vila Real, CRL
CAPOLIB:	Cooperativa Agrícola de Boticas, CRL
AGROPEMA:	Cooperativa Agro-Pecuária Mirandesa, CRL
A.C.B.Raça Marinhola:	Associação de Criadores de Bovinos de Raça Marinhola
CAV:	Cooperativa Agrícola de Vouzela, CRL
CARNALENTEJANA:	Agrupamento de Produtores de Bovinos de Raça Alentejana, SA
MERTOCAR:	Sociedade de Produtores de Carne de Qualidade, LDA
ACOMOR:	Agrupamento de Produtores de Montemor-O-Novo, SA
C.A.P.B.S.Montalegre	Cooperativa Agrícola de Produtores de Batata de Semente de Montalegre

OPC: ORGANISMOS PRIVADOS DE CONTROLO E CERTIFICAÇÃO

Norte e Qualidade:	Instituto de Certificação de Produtos Agro-Alimentares
TRAD^{ão}QUAL^{dade}:	Tradição e Qualidade - Associação Interprofissional para os Produtos Agro-alimentares de Trás-os-Montes
A.C.B.Raça Mirandesa:	Associação de Criadores de Bovinos da Raça Mirandesa
ADRL:	Associação de Desenvolvimento Rural de Lafões
CERTIALENTEJO:	Certificação de Produtos Agrícolas, LDA

Quadro 7 - Produção de carnes de bovino com nomes protegidos

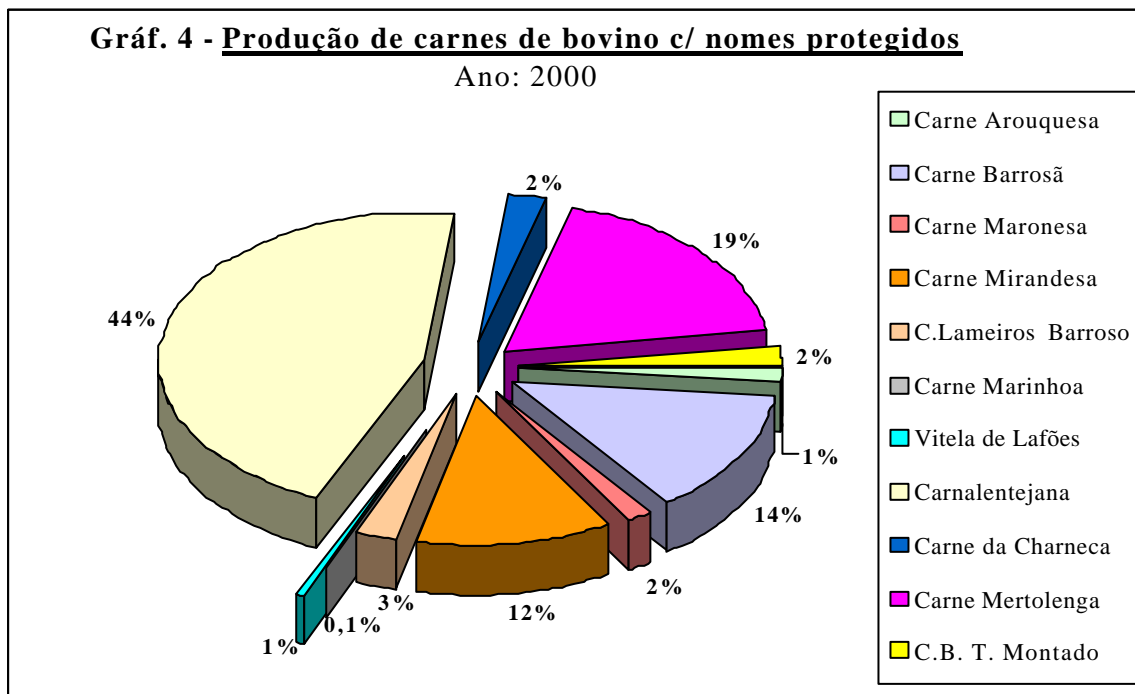
Ano: 2000

Em carcaças: kg

Designação	Vitelos	Novilhos	Novilhas	Bois	Vacas
Carne Arouquesa	21415	-	-	-	-
Carne Barrosã	212000	3200	-	-	-
Carne Maronesa	29500	-	-	-	-
Carne Mirandesa	180000	7000	1250	-	-
C.B.C.Lameiros do Barroso	40000	-	-	-	-
Carne Marinhoa	136	567	248	-	-
Vitela de Lafões	8800	-	-	-	-
Carnalentejana	-	689000	29000	-	-
Carne da Charneca	-	32100	-	-	-
Carne Mertolenga	27300	261580	-	1750	4800
C.Bovino Tradicional do Montado	35820	-	-	-	-
TOTAL	554971	993447	30498	1750	4800

Gráf. 4 - Produção de carnes de bovino c/ nomes protegidos

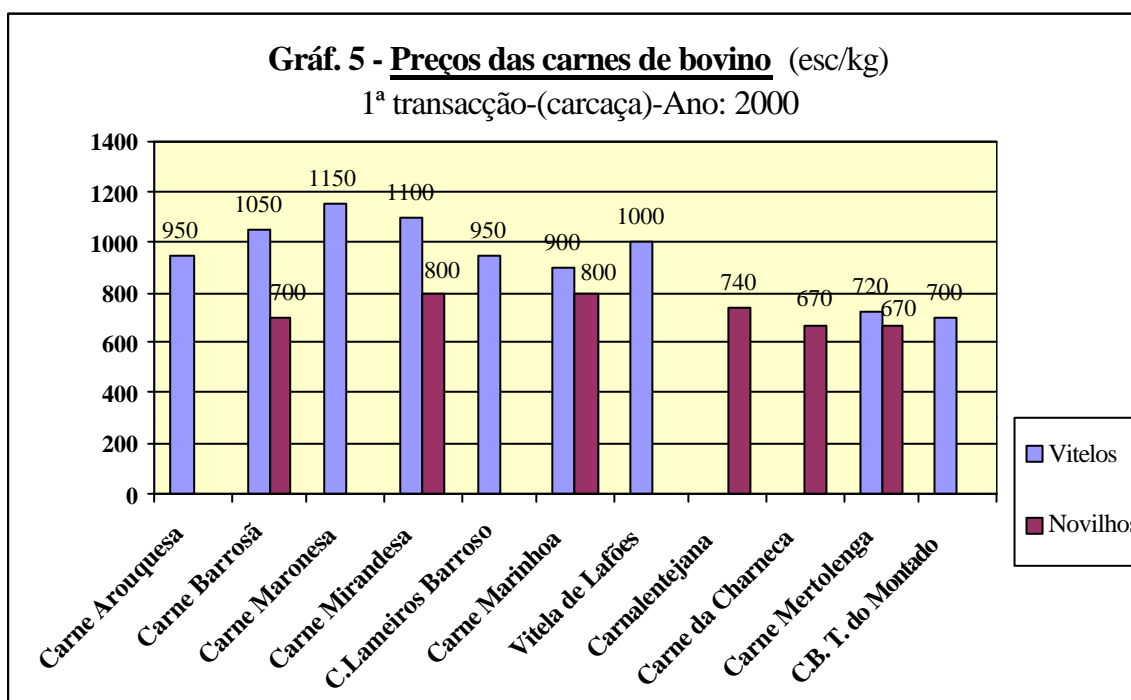
Ano: 2000



Quadro 8 - Preços das carnes de bovino, ao agrupamento (carcaças)
preços mais frequentes – Ano: 2000

esc/kg

Designação	Vitelos	Novilhos	Novilhas
Carne Arouquesa	1295	-	-
Carne Barrosã	1250	900	-
Carne Maronesa	1150	-	-
Carne Mirandesa	1100	800	750
C.B.C.Lameiros do Barroso	1750	-	-
Carne Marinhoa	1200	1130	1130
Vitela de Lafões	1150	-	-
Carnalentejana	-	740	740
Carne da Charneca	-	1300	-
Carne Mertolenga	1500	1300	-
C.Bovino Tradicional do Montado	835	-	-
MÉDIAS (ponderadas)	1218	907	744



Quadro 9 – Distribuição dos abates da carne de bovino com nomes protegidos em percentagem do peso das carcaças – Ano: 2000

Carne Arouquesa

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
5	5	12	9	4	19	5	9	4	9	3	16

Carne Barrosã.

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
8	8	9	8	10	7	8	7	8	9	9	9

Carne Maronesa

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
4	6	14	6	9	13	8	7	5	12	8	8

Carne Mirandesa

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
6	6	7	9	9	9	11	11	10	9	7	6

Carne de Bovino Cruzado Lameiros do Barroso

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
6	6	5	1	1	16	7	12	11	13	10	12

Carne Marinhoa (*Comercialização iniciada em 7 de Dezembro de 2000*)

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
											100

Vitela de Lafões (*Distribuição uniforme, mas sem valores disponibilizados*)

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Carnalentejana

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
8	7	8	6	9	8	7	10	10	11	8	8

Carne da Charneca

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
5	10	17	7	13	6	6	16	3	8	2	7

Carne Mertolenga

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
8	7	10	8	8	8	7	7	11	6	12	8

Carne de Bovino Tradicional de Montado

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
13	10	6	13	9	8	17	5	8	2	5	3

Quadro 10 - Modalidades de escoamento

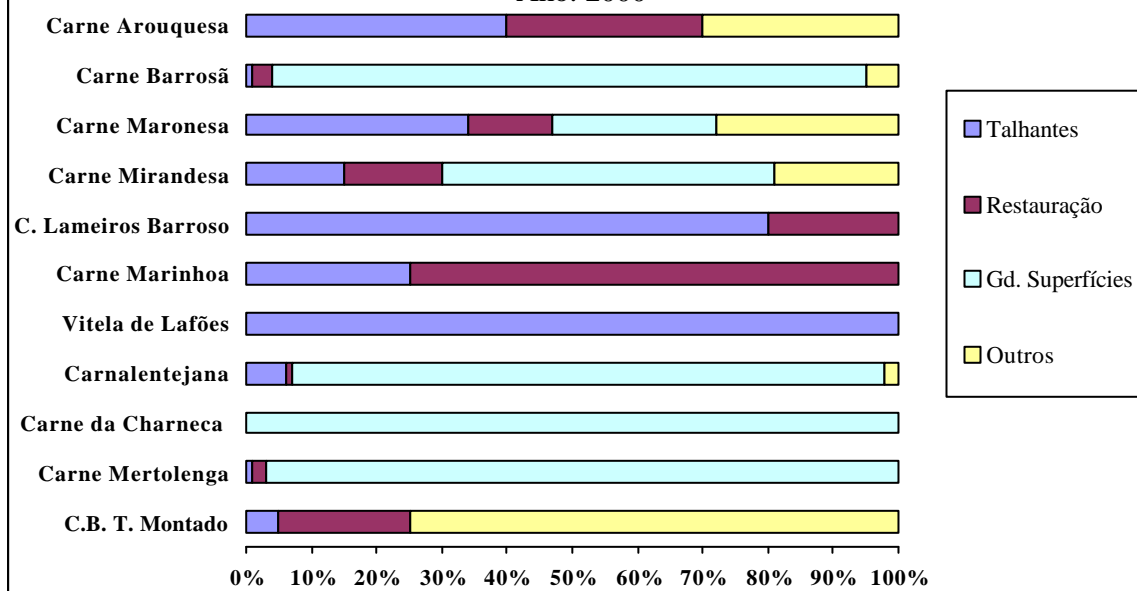
Ano: 2000

Em %

Designação	Talhantes	Restaura.	Grandes Superfícies	Outros
Carne Arouquesa	40	30		30
Carne Barrosã	1	3	91	5
Carne Maronesa	34	13	25	28
Carne Mirandesa	15	15	51	19
C.B.C.Lameiros do Barroso	80	20		
Carne Marinhosa	25	75		
Vitela de Lafões	100			
Carnalentejana	6	1	91	2
Carne da Charneca			100	
Carne Mertolenga	1	2	97	
C.Bovino Tradicional do Montado	5	20		75
MÉDIAS (ponderadas)	8,7	4,7	80,2	6,4

Gráf. 6 - Modalidades de escoamento da carne de bovino

Ano: 2000



4.3 . Carne de ovino

Genérico *:

A produção, em peso limpo, de carne de ovinos no País em 2000 foi de 24.154 t., representando um aumento de 8% relativamente ao ano anterior.

Os abates de borregos aprovados para consumo, na categoria de ≤10kg, totalizaram 487.948 cabeças correspondendo a 2.987 t. Este último número corresponde a um aumento relativamente a 1999 de 1,2%. O peso médio da carcaça, ≤10kg, foi de 6,1kg.

O consumo per capita de carne de ovino e caprino em Portugal é da ordem de 3,5 kg/hab/ano e o auto-aprovisionamento respectivo de cerca de 69%.

Os picos tradicionais de consumo de carne de pequenos ruminantes são a Páscoa e o Natal.

As cotações médias anuais dos preços aos produtores de carne de borrego em 2000, categoria inferior a 12Kg (SIMA), aumentaram em cerca de 5%.

* : Estatísticas Agrícolas do INE.

Produção.

Em 2000 existiam 8 carnes de ovino com nomes protegidos, das quais **6** se encontravam em produção; no ano anterior esta mesma relação foi de 7 para 5.

Os borregos comercializadas correspondem a animais cujas carcaças têm até 7 kg e ≥7 a 13 kg. Em relação a 1999, a produção destas carnes diminuiu em **19%**, devido às reduções na produção do **Borrego de Montemor-o-Novo** (-35%) e do **Borrego Terrincho** (-9%).

A categoria das carcaças até 7 kg representava 3% apenas do total com nomes protegidos, ao passo que a categoria ≥7 a 13 kg representava 97%. Por outro lado e em termos individuais, os mais relevantes foram o **Borrego de Montemor-o-Novo** (49%) e o **Borrego do Nordeste Alentejano** (44%)

Em 2000, a produção de carne de borrego com nomes protegidos representava cerca de **1,2%** da quantidade total de carne de ovinos e cerca de 9,8% da carne de borregos abatidos e aprovados para consumo, na categoria de ≤10kg (carcaça).

Preços:

Os preços destas carnes em 2000, ao nível dos agrupamentos e em esc/kg de carcaça, mantiveram-se praticamente constantes relativamente aos de 1999.

A diferença maior registou-se no caso do **Borrego Terrincho**, que aumentou em 3,7%.

Os preços da carne de borrego em peças também se mantiveram constantes, relativamente ao ano anterior, tomando como referência os dois casos conhecidos do Borrego do Baixo Alentejo e do Borrego do Nordeste Alentejano.

Algumas informações recolhidas apontam para que o diferencial de preços ao produtor*, entre as carnes de borrego da mesma raça com nomes protegidos e sem nomes protegidos, seja relativamente pequeno.

*: Não estão incluídos os custos de transacção (ex: recolha/transporte, promoção...outros) e de certificação. Estes custos são suportados pelos agrupamentos.

Comercialização:

Estas carnes de borrego foram totalmente comercializadas através dos agrupamentos.

Com excepção do Cordeiro Bragançano, as vendas destas carnes efectuaram-se principalmente em áreas **exteriores** aos concelhos de produção respectivos, **79%**. Não foram referidas exportações por parte dos agrupamentos/produtores.

Os meios de promoção mais utilizados continuam a ser as Feiras e a Imprensa, embora neste ano os Painéis exteriores também apresentem relevância.

O calendário da comercialização revela sazonalidade, com os períodos mais intensos no Natal, Páscoa e Festas Populares/Verão.

Modalidades de escoamento:

As **Grandes Superfícies** escoaram **89%** destas carnes, reduzindo ligeiramente a sua importância relativamente a 1999 (92%). De qualquer modo, a Restauração (90%) para o **Cordeiro Bragançano** e os Grossistas (98%) para o **Borrego Terrincho**, continuaram a ser as modalidades de escoamento mais importantes, nestes dois casos.

Condicionantes da produção:

Não havendo alterações significativas relativamente ao ano anterior, reforçou-se contudo a importância da concorrência dos preços da carne corrente de ovino e das limitações dos circuitos de comercialização respectivos.

Quadro 11 – Carnes de ovino com nomes protegidos em 2000

Nomes protegidos (em 2000)	Despachos normativos	Agrupamentos Gestores	OPC	Com produção (2000)
Cordeiro Bragançano (DOP)	D.19/94 DR II Série, 31/01	A.P.C.B.	ACOB	.
Borrego Terrincho (DOP)	D.11/94 DR II Série, 26/01	OVITEQ	TRAD ^{ão} QUAL ^{dade}	.
Borrego da Beira (IGP)	D.57/94 DR II Série, 15/02	A.P.Q.D. C. Branco	BEIRA TRAD ^{ão}	.
Borrego Serra da Estrela (DOP)	D.13/94 DR II Série, 26/01	ESTRELACOOOP	ANCOSE	.
Borrego do Baixo Alentejo (IGP)	D.94/96 DR II Série, 16/08	CARNOVINA	CERTIALENTEJO	.
Borrego de Montemor-o-Novo (IGP)	D.10/94 DR II Série, 26/01	ACOMOR	“	.
Borrego do Nordeste Alentejano (IG)	D.5138/98 DR II Série, 27/03	NATUR-AL-CARNES	AADP	.
Cordeiro de Barroso (IG)	D9474/00 DR II Série, 08/05	C.A.P.B.S.Montalegre	TRAD ^{ão} QUAL ^{dade}	.
8		8	6	6

AGRUPAMENTOS GESTORES:

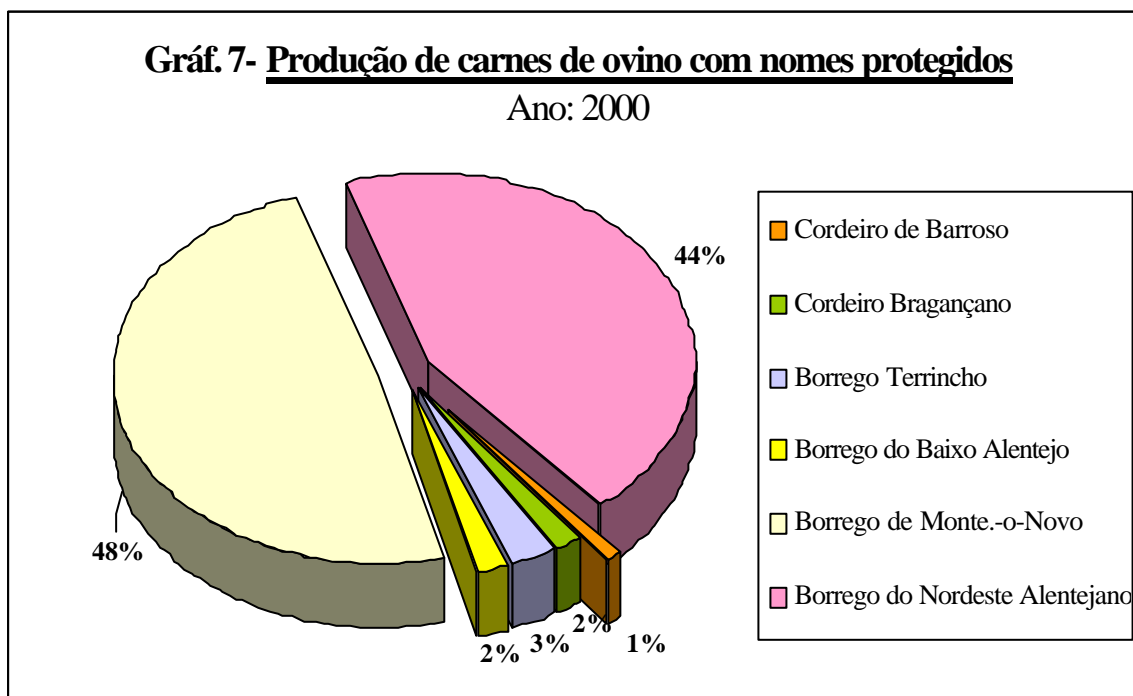
A.P.C.B.:	Agrupamento de Produtores de Cordeiros Bragançanos, LDA
OVITEQ:	Cooperativa de Produtores de Carne de Ovinos da Terra Quente, CRL
A.P.Q.D. C. Branco:	Associação de Produtores de Queijo do Distrito de Castelo Branco
ESTRELACOOOP:	Cooperativa de Produtores de Queijo Serra da Estrela, CRL
CARNOVINA:	Agrupamento de Produtores Pecuários, SA
ACOMOR:	Agrupamento de Produtores de Montemor-O-Novo, SA
NATUR-AL-CARNES:	Agrupamento de Produtores Pecuários do Norte Alentejano, SA
C.A.P.B.S.Montalegre	Cooperativa Agrícola de Produtores de Batata de Semente de Montalegre

OPC: ORGANISMOS PRIVADOS DE CONTROLO E CERTIFICAÇÃO

ACOB:	Associação Nacional Criadores Ovinos da Raça Churra Galega Bragançana
TRAD^{ão}QUAL^{dade}:	Associação Interprofissional, Produtos Agro-alimentares de Trás-os-Montes
BEIRA TRAD^{ão}:	Beira Tradição, Certificação de Produtos da Beira, LDA
ANCOSE:	Associação Nacional Criadores de Ovinos, Raça da Serra da Estrela
CERTIALENTEJO:	Certificação de Produtos Agrícolas, LDA
AADP:	Associação de Agricultores do Distrito de Portalegre

Quadro 12 - Produção de carnes de ovino com nomes protegidos
Ano: 2000

Designação	até 7kg		>7 a 13kg		TOTAL	
	Nº carcaças	Peso (kg)	Nº carcaças	Peso (kg)	Nº carcaças	Peso (kg)
Cordeiro de Barroso	48	279	216	1756	264	2035
Cordeiro Bragançano	-	-	528	5280	528	5280
Borrego Terrincho	1542	8400	-	-	1542	8400
Borrego do Baixo Alentejo	-	-	408	5300	408	5300
Borrego de Monte.-o-Novo	-	-	11561	143360	11561	143360
Borrego do Nordeste Alentejano	-	-	11002	128040	11002	128040
TOTAL	1590	8679	23715	283736	25305	292415



Quadro 13 - Preços das carnes de ovino, ao agrupamento
preços mais frequentes das carcaças - Ano: 2000

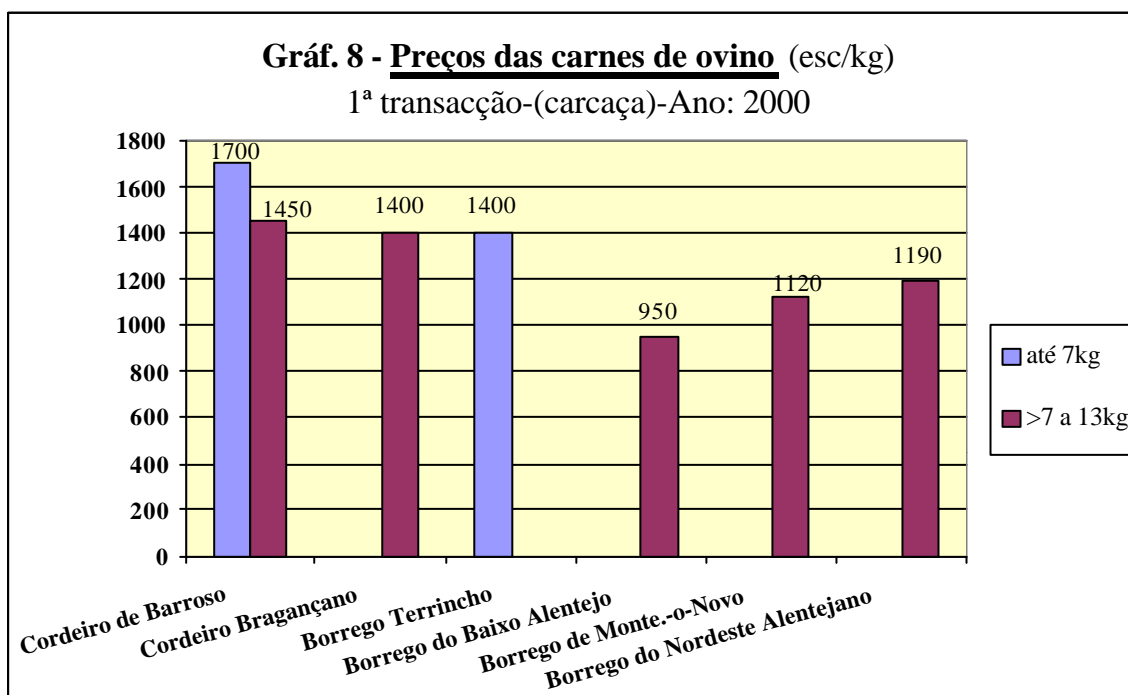
Designação	esc/kg	
	até 7kg	>7 a 13kg
Cordeiro de Barroso	1700	1450
Cordeiro Bragançano	-	1400
Borrego Terrincho	1400	-
Borrego do Baixo Alentejo	-	950
Borrego de Monte.-o-Novo	-	1120
Borrego do Nordeste Alentejano	-	1190
MÉDIAS (ponderadas)	1459	1156

Quadro 14 - Preços da carne de ovino em peças
preços mais frequentes em peças - Ano: 2000

Designação	esc/kg				
	Costeletas	Perna	Cachaço	Peito	Pá
Cordeiro de Barroso ¹	-	-	-	-	-
Cordeiro Bragançano ²	-	-	-	-	-
Borrego Terrincho ¹	-	-	-	-	-
Borrego do Baixo Alentejo	1520	1410	1120	960	1400
Borrego de Monte.-o-Novo	1500	1200	900	900	1100
Borrego do Nordeste Alentejano	-	-	-	-	-
MÉDIAS (ponderadas)	1501	1207	908	902	1111

¹: Não foi comercializado em peças.

²: Não tiveram acesso aos preços no consumidor.



Quadro 15 - Distribuição dos abates de ovinos com nomes protegidos em percentagem do peso das carcaças – Ano: 2000

Cordeiro de Barroso.

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
						40	23	5	2		30

Cordeiro Bragançano.

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
15	15	10	10	10	10	7			3	10	10

Borrego Terrincho

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
	10	10	10	10	10	10	10			10	20

Borrego do Baixo Alentejo

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
25	25	30	20								

Borrego de Montemor-O-Novo

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
8	9	14	9	12	11	6	11	4	2	4	9

Borrego do Nordeste Alentejano

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
5	5	5	8	5	10	5	15	5	5	10	22

Quadro 16 - Modalidades de escoamento

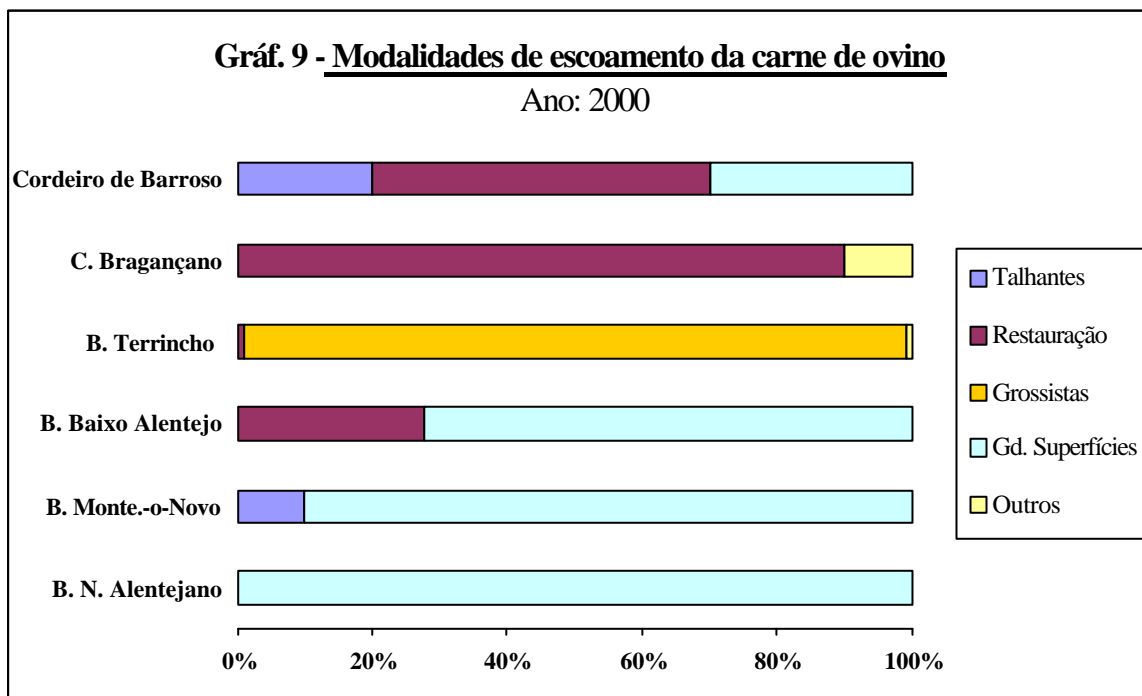
Ano: 2000

Em %

Designação	Talhantes	Restauraç ^o	Grossistas	Grandes Superfíc.	Outros
Cordeiro de Barroso	20	50	-	30	-
Cordeiro Bragançano	-	90	-	-	10
Borrego Terrincho	-	1	98	-	1
Borrego do Baixo Alentejo	-	28	-	72	-
Borrego de Monte.-o-Novo	10	-	-	90	-
Borrego do Nordeste Alentejano	-	-	-	100	-
MÉDIAS (ponderadas)	5,0	2,5	2,8	89,4	0,2

Gráf. 9 - Modalidades de escoamento da carne de ovino

Ano: 2000



4.4 – Carnes de caprino

Genérico *:

A produção, em peso limpo, de carne de caprinos em 2000 foi de 2105 t., correspondendo a uma diminuição de 17% relativamente ao ano anterior.

Em termos dos abates de cabritos aprovados para consumo, a produção de carne foi de 771t., correspondendo a 145.695 cabeças, o que equivaleu respectivamente a reduções de 15% e 13% relativamente a 1999.

Para a globalidade do sector e em 2000, o peso médio das carcaças de cabrito foi de 5,3kg.

Também neste caso o consumo tem características sazonais, sendo o Natal (Dezembro), a Páscoa (Abril) e o período dos Santos Populares (Junho e Julho) os picos tradicionais de consumo.

As cotações médias dos preços da carne de cabrito ao produtor em 2000, revelaram uma tendência de aumento relativamente ao ano anterior, cuja ordem de grandeza estará compreendida entre 0,1% a 0,9% (SIMA).

* : Estatísticas Agrícolas do INE.

Produção:

Em 2000 existiam 5 carnes de cabrito com nomes protegidos das quais **3** foram efectivamente produzidas, mantendo-se a situação verificada em 1999.

Das três carnes referidas apenas se verificou aumento da produção do **Cabrito Transmontano**, pelo que globalmente se assistiu a uma redução de **26%** nos quilos de carcaças.

Em relação a 1999, registou-se uma redução de **20%** no número destes cabritos abatidos e de **26%** no peso das respectivas carcaças.

O peso médio das carcaças de cabrito com nomes protegidos foi de **5,3 kg** em 2000.

O **Cabrito de Barroso** destaca-se com **65%** na produção destas carnes de caprino.

Os cabritos com nomes protegidos em 2000 representavam cerca de **1,1%** da produção total de carne de caprinos do País e cerca de **3,0%** da quantidade de carcaças, abatidas e aprovadas para consumo.

Preços:

A nível dos agrupamentos houve um aumento do preço de 5,4% para o **Cabrito Transmontano** relativamente a 1999, mantendo-se os mesmos preços nos outros casos. O preço mais frequente do **Cabrito. Transmontano** foi relativamente mais baixo do que o das outras duas carnes de cabrito com nomes protegidos comercializadas em 2000.

Estima-se que a relação entre os preços ao produtor* das carnes de cabrito da mesma raça, com e sem nomes protegidos, se situou entre 6 e 13%

*: Não estão incluídos os custos de transacção (ex: recolha/transporte, promoção...outros) e de certificação. Estes custos são suportados pelos agrupamentos.

Comercialização.

Em 2000, **91%** destas carnes foram comercializadas através dos agrupamentos, à primeira transacção, e 9% (Cabrito das Terras Altas do Minho) através de uma cooperativa.

Neste ano, **73%** das carnes de caprino com nomes protegidos foi vendida **fora** dos concelhos de produção e áreas limítrofes. Cerca de **27%** foi vendida no **interior** dos respectivos concelhos de produção, com um peso determinante no caso do Cabrito Transmontano (96%).

Não se registaram exportações a partir dos agrupamentos.

Pelos meios de promoção utilizados, ressaltou a preferência pelas Feiras e Imprensa.

Modalidades de escoamento:

Verificaram-se este ano alterações significativas nas formas de escoamento mais relevantes. Os **Talhantes** passaram a ser a modalidade mais importante com **49%**, seguindo-se a **Restauração** com 32%.

Recorde-se que no ano anterior as modalidades mais representativas foram as Grandes Suprefícies (60%) e Outros (17%)

Condicionantes da produção:

Em 2000, a produção foi essencialmente condicionada pelas insuficiências dos circuitos de comercialização, segundo a opinião dos agrupamentos.

Quadro 17 – Carnes de caprino com nomes protegidos em 2000

Nomes protegidos (em 2000)	Despachos normativos	Agrupamentos Gestores	OPC	Com produção (2000)
Cabrito Transmontano (DOP)	D.21/94 DR II Série, 31/01	CAPRISSERRA	ANCRAS	.
Cabrito do Barroso (IGP)	D.22/94 DR II Série, 31/01	C.A.P.B.S.Montalegre	TRAD ^{ão} QUAL ^{dade}	.
Cabrito das Terras Altas do Minho (IGP)	D.24/94 DR II Série, 04/02	A.M.S.G. Mútua Basto	Norte e Qualidade	.
Cabrito da Beira (IGP)	D.58/94 DR II Série, 15/02	A.P.Q.D. C. Branco	BEIRA TRAD ^{ão}	.
Cabrito da Gralheira (IGP)	D.41/94 DR II Série, 03/02	CASSEPEDRO	ADRL	.
5		5	5	3

AGRUPAMENTOS GESTORES :

CAPRISSERRA: Cooperativa de Produtores de Cabrito de Raça Serrana, CRL
C.A.P.B.S.Montalegre: Cooperativa Agrícola de Produtores de Batata de Semente de Montalegre, CRL
A.M.S.G. Mútua Basto: Associação Mútua de Seguro de Gado – Mútua de Basto
A.P.Q.D. C. Branco: Associação de Produtores de Queijo do Distrito de Castelo Branco
CASSEPEDRO: Cooperativa Agro-Pecuária de S.Pedro do Sul, CRL

OPC: ORGANISMOS PRIVADOS DE CONTROLO E CERTIFICAÇÃO :

ANCRAS: Associação Nacional de Caprinicultores da Raça Serrana
TRAD^{ão}QUAL^{dade}: Tradição e Qualidade - Associação Interprofissional para os Produtos Agro-alimentares de Trás-os-Montes
Norte e Qualidade: Instituto de Certificação de Produtos Agro-Alimentares
BEIRA TRAD^{ão}: Beira Tradição, Certificação de Produtos da Beira, LDA
ADRL: Associação de Desenvolvimento Rural de Lafões

Quadro 18 - Número de caprinos abatidos e respectiva produção de carne
Ano: 2000

Designação	Cabritos vivos £10 kg nº de cabeças	Quilos kg de carcaça
Cabrito das Terras Altas do Minho	420	2100
Cabrito de Barroso	2751	15000
Cabrito Transmontano	1202	6109
TOTAL	4373	23209

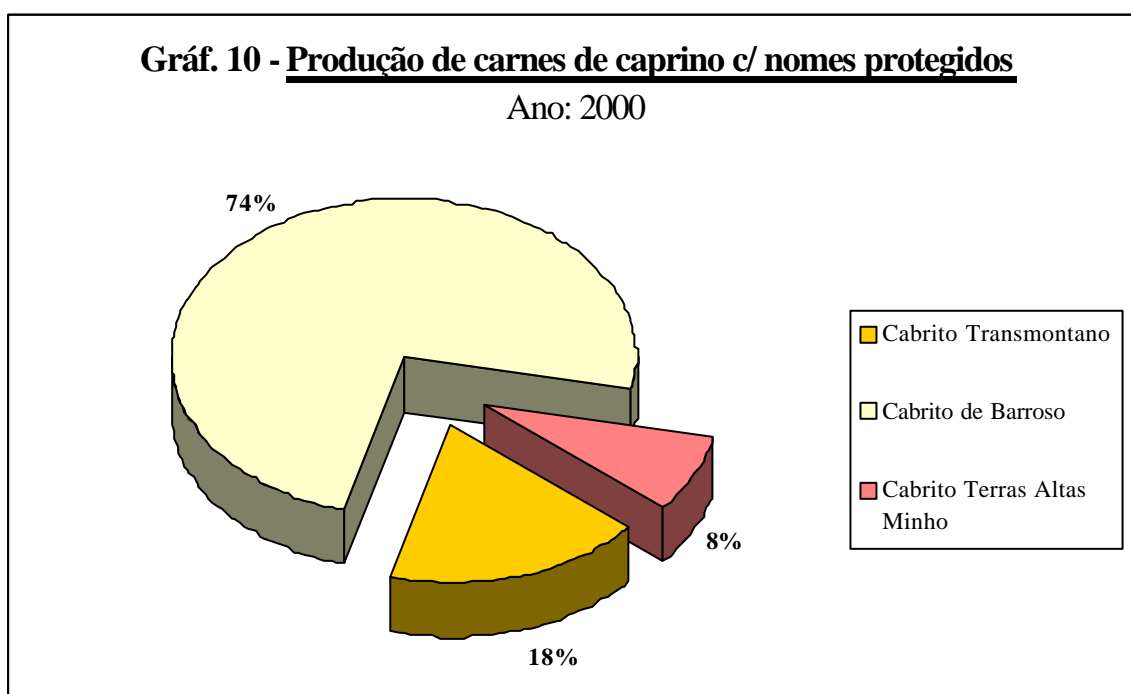
Quadro 19 - Preços da carne de caprino, ao agrupamento
preços mais frequentes das carcaças - Ano 2000

esc/kg

Designação	Preço mais frequente	Preço mínimo	Preço máximo
Cabrito das Terras Altas do Minho	2205	2205	2205
Cabrito de Barroso	2250	2250	2250
Cabrito Transmontano	1950	1850	2100
MÉDIAS (ponderadas)	2167	2141	2206

Gráf. 10 - Produção de carnes de caprino c/ nomes protegidos

Ano: 2000



Quadro 20 - Distribuição dos abates de caprinos com nomes protegidos em percentagem do peso das carcaças – Ano: 2000

Cabrito Transmontano.

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
12	14	14	15		8	5	9				23

Cabrito de Barroso

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
5	5	10	23	10	9	11	8	2	5	6	6

Cabrito das Terras Altas do Minho¹

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
		x	x	x	x	x	x				x

¹: Valores não disponibilizados

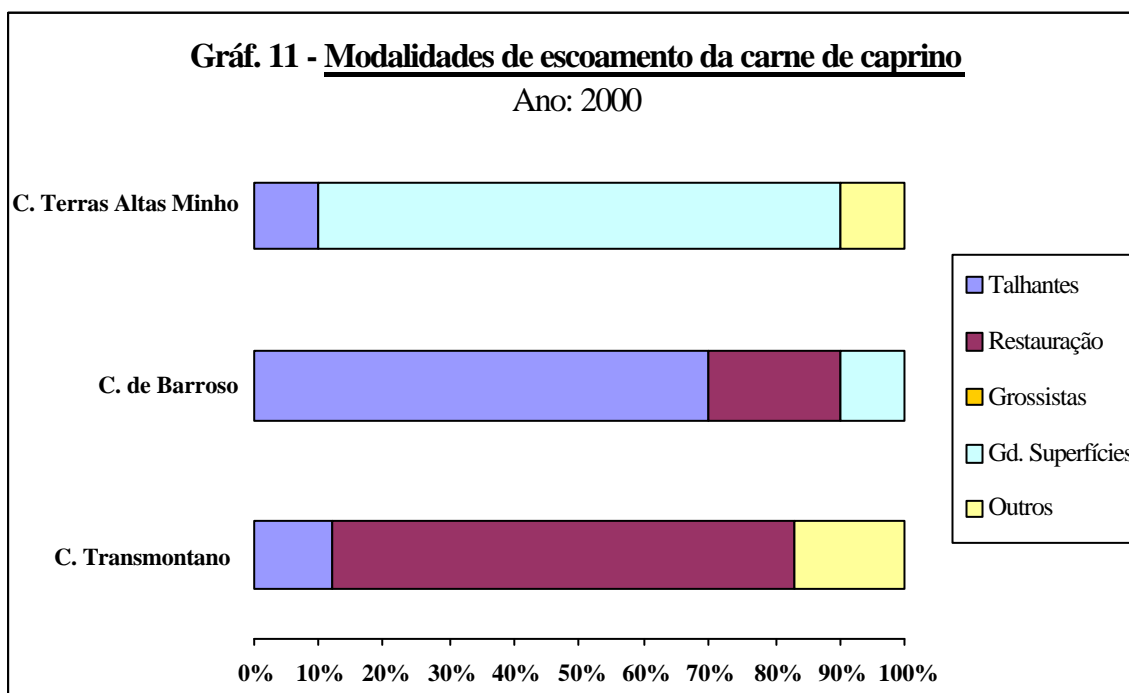
Quadro 21 - Modalidades de escoamento

Ano: 2000

Em %

Designação	Talhantes	Restauraç ^o	Grossistas	Grandes Superfíc.	Outros ¹
Cabrito das Terras Altas do Minho	10	-	-	80	10
Cabrito de Barroso	70	20	-	10	-
Cabrito Transmontano	12	71	-	-	17
TOTAL	49,3	31,6	0,0	13,7	5,4

¹: Principalmente “Feiras”



4.5 – Carne de suíno

Genérico *:

A produção de carne de porco em 2000 foi de 355 423 t. em peso limpo, representando um decréscimo de 4,8% relativamente a 1999, que se pode considerar uma consequência da recuperação nos mercados das carnes de bovino e de frango em 2000. O grau de auto-provisionamento foi da ordem dos 77% e o consumo per capita de aproximadamente 42kg/hab./ano.

* : Estatísticas Agrícolas do INE.

Comercialização.

A totalidade da Carne de Porco Alentejano foi comercializada através do respectivo agrupamento, localizando-se **95%** das vendas à primeira transacção a partir do agrupamento a nível nacional (fora da área geográfica de produção e vizinhança) e 5% a nível local (no interior dos concelhos da área geográfica de produção).

Foram utilizados quase todos os meios de promoção para o produto (Feiras, Imprensa, Rádio, Painéis e Outros), com excepção da Televisão.

Embora esta carne tenha sido comercializada durante todos os meses do ano, os meses de Outubro a Dezembro foram relativamente mais relevantes quanto à quantidade de carne vendida.

Condicionantes da produção:

Os preços mais baixos da carne de porco corrente (similar), foi o único factor condicionante da produção mencionado.

Quadro 22 – Carnes de suíno com nomes protegidos em 2000

Nomes protegidos (em 2000)	Despachos normativos	Agrupamentos Gestores	OPC	Com produção (2000)
Carne de Porco Alentejano (DO)	D.5084/99 DR II Série, 11/03	ACPA	AGRICERT	.
1				1

AGRUPAMENTO GESTOR :

ACPA: Associação de Criadores de Porco Alentejano

OPC: ORGANISMOS PRIVADOS DE CONTROLO E CERTIFICAÇÃO :

AGRICERT: Certificação de Produtos Alimentares, LDA

Quadro 23 - Número de suínos abatidos e respectiva produção de carne
Ano: 2000

Designação	Número carcaças	Quilos kg de carcaça
Carne de Porco Alentejano	1030	83967

Quadro 24 - Preços da carne de suíno, ao agrupamento
preços mais frequentes das carcaças - Ano 2000

Designação	Preço mais frequente	Preço mínimo	Preço máximo
Carne de Porco Alentejano	580	550	600

esc/kg

Quadro 25 - Distribuição dos abates de suínos com nomes protegidos
em percentagem do peso das carcaças – Ano: 2000

Carne de Porco Alentejano.

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
7	6	7	7	8	6	9	7	8	13	11	11

Quadro 26 - Modalidades de escoamento
Ano: 2000

Designação	Talhantes	Restauraç ^o	Grossistas	Grandes Superfíc.	Outros
Carne de Porco Alentejano	20	10	10	50	10

Em %

4.6 – Produtos de salsicharia

Produção:

Em 2000, o número dos produtos com nomes protegidos reconhecidos aumentou para **22** e dos que foram produzidos e comercializados aumentou para **13**. Isto resultou da entrada em produção dos 7 produtos de salsicharia de Extremoz e Borba .

Em termos da evolução da quantidade produzida relativamente a 1999, a tendência geral foi de aumento, nalguns casos muito substanciais como o da **Alheira de Mirandela** e da **Linguiça de Portalegre** . Apenas a **Morcela de Cozer de Portalegre** reduziu a sua produção.

Em termos individuais, destaca-se pela quantidade produzida a **Alheira de Mirandela** (82%), seguindo-se à distância o **Presunto de Barrancos** (10%).

Preços:

Em 2000 estes produtos beneficiaram, de modo geral, de aumentos dos preços relativamente a 1999, sendo muito significativos os seguintes: **Presunto de Barrancos** (34%), **Linguiça** e **Salpicão de Vinhais** (25% e 33%) e **Linguiça** e **Chouriço de Portalegre** (22%).

O **Salpicão de Vinhais**, o **Presunto de Barrancos**, a **Linguiça de Vinhais** e os **Lombos de Portalegre** destacaram-se, por esta ordem, pelo elevado nível dos preços (4000 a 8000 esc/kg) relativamente aos outros produtos de salsicharia.

As diferenças dos preços mais frequentes entre estes produtos e os similares sem nomes protegidos, da mesma área geográfica de produção, variaram acentuadamente de acordo com o produto (0% a 88%); assinala-se contudo o caso particular da Linguiça de Vinhais, que por ter sido vendida essencialmente em feira e em promoção teve valores inferiores ao mesmo produto não protegido.

Comercialização:

A quase totalidade destes produtos (99,7%) foram comercializados, à primeira transacção, pelos produtores individuais (salsicheiros).

As vendas pelos produtores realizaram-se maioritariamente, **87%**, no País mas fora dos concelhos de produção ou limítrofes, tendo-se registado exportação directa apenas no caso do Presunto de Barrancos (1%).

A promoção destes produtos foi feita essencialmente através das Feiras e da Imprensa.

O calendário das vendas destes produtos pode ser resumido da seguinte forma:

- O **Salpicão e a Linguça de Vinhais** tiveram as sua vendas mais concentradas entre Dezembro e Fevereiro e no mês de Setembro.
- A **Alheira de Mirandela** destacou-se pelas vendas (47%) entre Dezembro e Março.
- Os produtos de **Portalegre** apresentaram maior percentagem de vendas entre Novembro e Março.
- Os enchidos de **Estremoz e Borba** iniciaram as vendas este ano, incidindo sobretudo entre Março e Junho
- O **Presunto de Barrancos** foi vendido principalmente (67%) entre Dezembro e Março.

Modalidades de escoamento:

As **Grandes Superfícies** com **70%** do total, reforçaram a sua preponderância e o **Comércio** tradicional passou a ser a segunda modalidade mais importante com **13%**.

De notar que, para os produtos de Estremoz e Borba, as vendas para **Intermediários** foram mais relevantes.

Relativamente a 1999, verificou-se uma perda de importância das vendas à **Restauração**.

Condicionantes da produção:

Entre os factores que poderiam condicionar a produção dos produtos de salsicharia com nomes protegidos, foram referenciados essencialmente: o número de salsicheiros aderentes, os circuitos de comercialização e os preços dos produtos similares sem nomes protegidos; para os produtos de Estremoz e Borba, também foram referidos os preços elevados do porco Alentejano.

Quadro 22 – Produtos de salsicharia com nomes protegidos em 2000

Nomes protegidos (em 2000)	Despachos normativos (DR II Série)	Agrupamentos Gestores	OPC	Com Produção (2000)
Presunto de Barrancos (<i>DOP</i>)	D.23/95; 17/08	ACPA	AGRICERT	.
Presunto de Barroso (<i>IGP</i>)	D.43/94; 03/02	C.A.P.B.S.Montalegre	TRAD ^{ão} QUAL ^{dade} .	.
Lombo Branco de Portalegre (<i>IGP</i>)	D.16/96; 20/04	NATUR-AL-CARNES	AADP	.
Lombo Enguitado de Portalegre (<i>IGP</i>)	"	"	"	.
Painho de Portalegre (<i>IGP</i>)	"	"	"	.
Cacholeira Branca de Portalegre (<i>IGP</i>)	"	"	"	.
Chouriço Mouro de Portalegre (<i>IGP</i>)	"	"	"	.
Linguiça de Portalegre (<i>IGP</i>)	"	"	"	.
Morceira de Assar de Portalegre (<i>IGP</i>)	"	"	"	.
Morceira de Cozer de Portalegre (<i>IGP</i>)	"	"	"	.
Farinheira de Portalegre (<i>IGP</i>)	"	"	"	.
Chouriço de Portalegre (<i>IGP</i>)	"	"	"	.
Salpicão de Vinhais (<i>IG</i>)	D.139/96; 30/12	ANCSUB	TRAD ^{ão} QUAL ^{dade}	.
Linguiça de Vinhais (<i>IG</i>)	"	"	"	.
Alheira de Mirandela (<i>ETG</i>)	D.137/96; 30/12	ACIM	"	.
Chouriço de Carne de E. e B. ¹ (<i>IG</i>)	D.9081/00; 03/05	APETAL	CERTIALENTEJO	.
Chouriço Grosso de E. e B. ¹	"	"	"	.
Farinheira de E. e B. ¹	"	"	"	.
Morceira de E. e B. ¹	"	"	"	.
Paia de Lombo de E. e B. ¹	"	"	"	.
Paia de Toucinho de E. e B. ¹	"	"	"	.
Paio de E. e B. ¹	"	"	"	.
22		6	4	20

1: "E.e B." = Estremoz e Borba.

AGRUPAMENTOS GESTORES:

ACPA: Associação de Criadores de Porco Alentejano
C.A.P.B.S.Montalegre: Cooperativa Agrícola dos Produtores de Batata de Semente de Montalegre
NATUR-AL-CARNES: Agrupamento de Produtores Pecuários do Norte Alentejo
ANCSUB: Associação Nacional de Criadores de Suínos de Raça Bísara
ACIM: Associação Comercial e Industrial de Mirandela

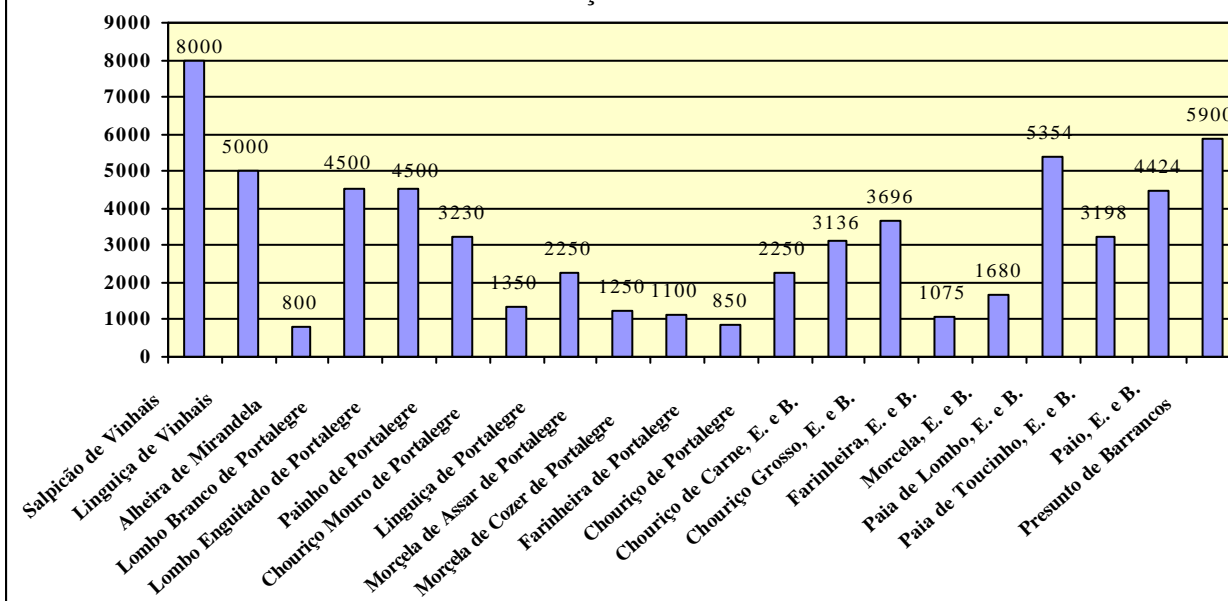
OPC: ORGANISMOS PRIVADOS DE CONTROLO E CERTIFICAÇÃO :

AGRICERT: Certificação de Produtos Alimentares, LDA
AADP: Associação de Agricultores do Distrito de Portalegre
TRAD^{ão}QUAL^{dade}: Tradição e Qualidade - Associação Interprofissional para os Produtos Agro-Alimentares de Trás-os-Montes
CERTIALENTEJO: Certificação de Produtos Agrícolas, LDA

Quadro 24 - Preços relativos à primeira transacção
Ano: 2000

Designação	Preços mais frequentes	
	N.protegidos	Correntes
Salpicão de Vinhais	8000	8000
Linguiça de Vinhais	5000	6000
Alheira de Mirandela	800	520
Lombo Branco de Portalegre	4500	2900
Lombo Enguitado de Portalegre	4500	2800
Painho de Portalegre	3230	2200
Chouriço Mouro de Portalegre	1350	-
Linguiça de Portalegre	2250	1200
Morçela de Assar de Portalegre	1250	1100
Morçela de Cozer de Portalegre	1100	890
Farinheira de Portalegre	850	800
Chouriço de Portalegre	2250	1800
Chouriço de Carne, E. e B.	3136	2016
Chouriço Grosso, E. e B.	3696	2912
Farinheira, E. e B.	1075	829
Morcela, E. e B.	1680	1624
Paia de Lombo, E. e B.	5354	4771
Paia de Toucinho, E. e B.	3198	2615
Paio, E. e B.	4424	3472
Presunto de Barrancos	5900	5000

Gráf. 13 - Preços dos produtos de salsicharia (esc/kg)
1ª transacção - Ano: 2000



Quadro 25 - Calendário das vendas destes produtos com nomes protegidos em percentagens - Ano: 2000

Salpicão de Vinhais

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
12	16	12	8	7	7	3	6	9	6	6	8

Linguça de Vinhais

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
7	24	4	7	8	4	2	7	11	9	6	10

Alheira de Mirandela

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
10	14	13	7	7	5	4	4	9	9	8	10

Lombo Branco de Portalegre

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
15	15	15	5	5	5	5	3	2	5	10	15

Lombo Enguitado de Portalegre

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
15	15	15	5	5	5	5	3	2	5	10	15

Painho de Portalegre

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
15	15	15	5	5	5	5	3	2	5	10	15

Chouriço Mouro de Portalegre

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
15	15	15	5	5	5	5			10	10	15

Linguça de Portalegre

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
40	20										40

Morceira de Assar de Portalegre

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
40	15	15								10	20

Morceira de Cozer de Portalegre

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
40	15	15								10	20

Farinheira de Portalegre

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
30	20	20								10	20

Chouriço de Portalegre

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
15	15	15	5	5	5	5	2	3	5	10	15

Quadro 25 - Calendário das vendas destes produtos com nomes protegidos em percentagens - Ano: 2000

Chouriço de Carne de Extremoz e Borba

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
		36				34					30

Chouriço Grosso de Extremoz e Borba

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
		24	7	16	32	8	4			4	5

Farinheira de Extremoz e Borba

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
		19		8	54	13					6

Morcela de Extremoz e Borba

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
		14		18	54	10					4

Paia de Lombo de Extremoz e Borba

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
		14	10	9	67						

Paia de Toucinho de Extremoz e Borba

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
		18	15	18	49						

Paio de Extremoz e Borba

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
		14	6	18	51	6	1			4	

Presunto de Barrancos

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
18	20	12	5	4	4	7	5	2	5	1	17

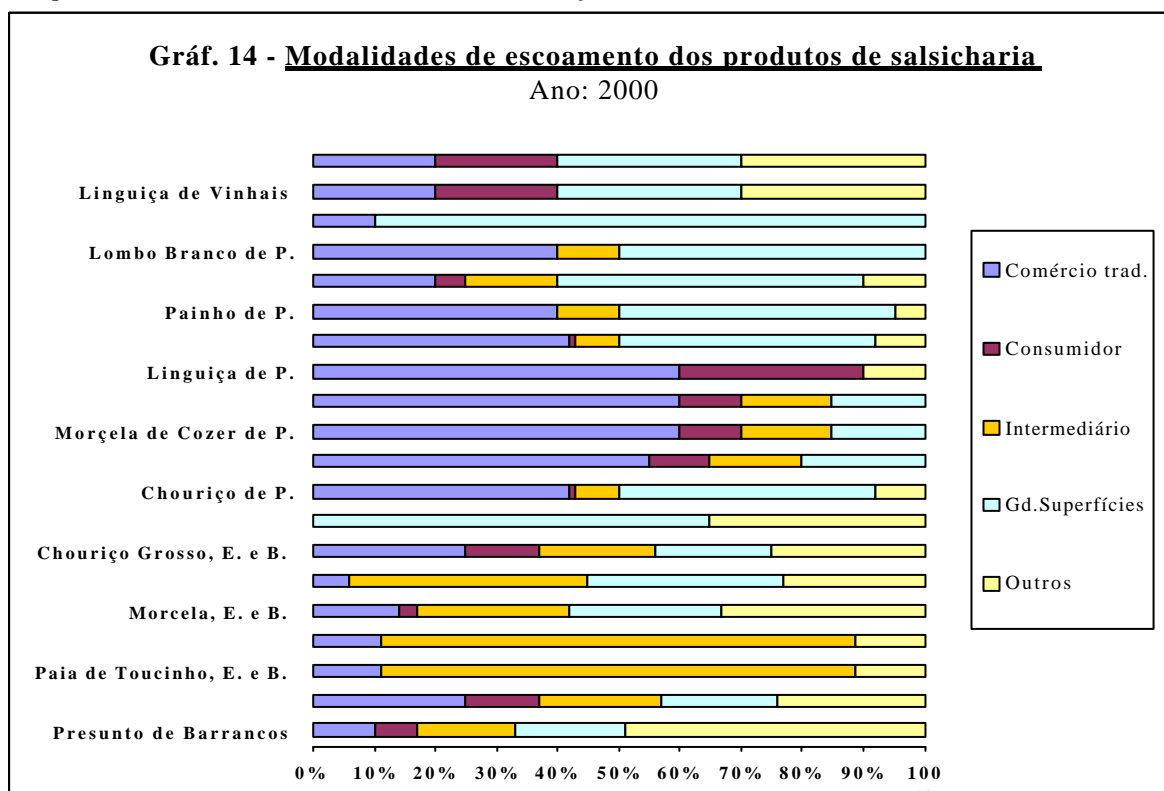
Quadro 26 - Modalidades de escoamento

Ano: 2000

Em %

Designação	Comércio tradicional	Consumidor directo	Intermediário	Gd.Superfícies	Outros ¹
Salpicão de Vinhais	20	20	-	30	30
Linguiça de Vinhais	20	20	-	30	30
Alheira de Mirandela	10	-	-	80	10
Lombo Branco de Portalegre	40	-	10	50	-
Lombo Enguitado de Portalegre	20	5	15	50	10
Painho de Portalegre	40	-	10	45	5
Chouriço Mouro de Portalegre	42	1	7	42	8
Linguiça de Portalegre	60	30	-	-	10
Morçela de Assar de Portalegre	60	10	15	15	-
Morçela de Cozer de Portalegre	60	10	15	15	-
Farinheira de Portalegre	55	10	15	20	-
Chouriço de Portalegre	42	1	7	42	8
Chouriço de Carne, E. e B.	-	-	-	65	35
Chouriço Grosso, E. e B.	26	13	20	19	22
Farinheira, E. e B.	8	1	41	32	18
Morcela, E. e B.	15	4	27	25	29
Paia de Lombo, E. e B.	15	3	82	-	-
Paia de Toucinho, E. e B.	15	3	82	-	-
Paio, E. e B.	26	13	21	19	21
Presunto de Barrancos	17	11	23	18	31
MÉDIAS (ponderadas)	12,9	1,7	3,2	70,0	12,2

¹: Compreende fundamentalmente “Feiras” e “Restauração”.



4.7 – Méis

Genérico *:

A produção nacional de mel em 2000 foi de 4 461 000kg

A evolução da produção entre 1999 e 2000, segundo o INE, revela uma estabilização, após o forte crescimento verificado em 1999.

O grau de auto-provisionamento deste produto no País foi da ordem dos 80%.

O respectivo consumo médio per capita/ano foi de 0,5kg.

* : Estatísticas Agrícolas do INE.

Produção:

Mantiveram-se em produção **5** dos 12 méis com nomes protegidos, que já existiam no ano anterior.

A produção destes méis foi de **113719**kg, representando um acréscimo de **22%** relativamente a 1999. Contudo, este acréscimo ficou a dever-se ao aumento da produção verificado para o **Mel do Parque de Montesinho** que representa só por si 88% do total; nos outros méis as respectivas evoluções foram diversificadas.

A produção de méis com DOP corresponde a cerca de **2,5%** da respectiva produção total no País. Por outro lado, as quantidades de méis com DOP relativamente à produção global de mel nas respectivas áreas geográficas de produção, foram respectivamente de: 5% (Mel das Terras Altas do Minho) e 67% (Mel do Parque de Montesinho), não sendo conhecidos os outros casos.

Preços:

Os preços dos diferentes méis com DOP mantiveram-se constantes em 2000, relativamente ao ano anterior.

O **Mel do Alentejo** e o **Mel da Serra da Lousã** destacaram-se pelos níveis dos preços mais frequentes à primeira transacção. Para o primeiro destes méis foi também maior a oscilação dos preços.

A diferença dos preços mais frequentes dos méis com DOP, relativamente aos méis similares sem DOP produzidos nas respectivas áreas geográficas, ficou compreendida entre **14%** e **30%**; não se incluem o Mel do Alentejo cuja diferença foi superior ao dobro nem o Mel de Barroso por insuficiência de dados.

Comercialização:

As entidades que comercializaram os méis com DOP, podem ser divididas em duas categorias: na 1ª os produtores encarregaram-se individualmente de comercializar a maior parte do mel produzido, abrangendo o **Mel da Serra da Lousã** (95%) e o **Mel das Terras Altas do Minho** (60%) e na 2ª categoria foram os agrupamentos a fazê-lo a 100%, como sucedeu ao **Mel de Barroso**, ao **Mel do Parque de Montesinho** e ao **Mel do Alentejo**.

A localização geográfica das vendas, variou conforme os casos mantendo o padrão do ano anterior. Assim para o **Mel das Terras Altas do Minho**, o **Mel de Barroso** e o **Mel da Serra da Lousã** as vendas efectuaram-se quase totalmente nos concelhos de produção e vizinhança (nível local); para o **Mel do Alentejo** 98% das vendas efectuaram-se no exterior dos concelhos de produção (nível nacional); para o **Mel do Parque de Montesinho** 85% das vendas foram para exportação.

Os meios de promoção mais utilizados para estes produtos foram as Feiras, a Rádio e a Imprensa, por esta ordem.

Modalidades de escoamento:

A ordem de importância das modalidades de escoamento manteve-se em 2000, relativamente a 1999, embora com valores diferentes, destacando-se em primeiro lugar os **Intermediários** (71%) e seguindo-se o **Comércio** tradicional (16%).

Em termos individuais para os diferentes méis, prevaleceram as vendas directas ao **Consumidor** para o Mel das Terras Altas do Minho (60%) e o Mel da Serra da Lousã (45%), os **Intermediários** para o Mel do Parque de Montesinho (80%) vendido essencialmente para exportação, as **Grandes Superfícies** para o Mel do Alentejo (98%) e as **Feiras** para o Mel de Barroso (50%).

Condicionantes da produção:

O factor condicionante da produção de méis com DOP em 2000, mais frequentemente referido, foi "desfavoráveis condições climáticas".

Quadro 27 – Méis com nomes protegidos em 2000

Nomes protegidos (em 2000)	Despachos normativos	Agrupamentos gestores	OPC	Com produção (2000)
Mel da Serra da Lousã (DOP)	D.27/94 DR II Série, 04/02	LOUSAMEL	SICÓ-Qualidade	.
Mel do Parque de Montesinho (DOP)	D.25/94 DR II Série, 04/02	A.P.M.P.	A. A. P. N. M.	.
Mel do Ribatejo Norte: Serra d'Aire (DOP) ¹	D.51/94 DR II Série, 03/02	S. A. F. C.	ADIRN	.
Mel do Ribatejo Norte: Alhufeira do Castelo de Bode (DOP) ¹	“	“	“	.
Mel do Ribatejo Norte: Bairro (DOP) ¹	“	“	“	.
Mel do Ribatejo Norte: Alto-Nabão (DOP) ¹	“	“	“	.
Mel das Terras Altas do Minho (DOP)	D.31/94 DR II Série, 03/02	FAFEMEL	Norte e Qualidade.	.
Mel da Terra Quente (DOP)	D.30/94 DR II Série, 04/02	A. A. N.	A. A. Nordeste	.
Mel da Serra de Monchique (DOP)	D.26/94 DR II Série, 04/02	COOPACHIQUE	APILGARBE	.
Mel de Barroso (DOP)	D.23/94 DR II Série, 04/02	CAPOLIB	TRAD ^{ão} QUAL ^{dade}	.
Mel do Alentejo (DOP)	D.45/94 DR II Série, 03/02	ÉVORAMEL	AADE	.
Mel dos Açores (DOP)	D/SRAP 94/3 II Série, 01/02	F. INCENSO	IAMA	.
12		9	9	5

AGRUPAMENTOS GESTORES

LOUSAMEL:	Cooperativa Agrícola de Apicultores da Lousã e Concelhos Limítrofes, CRL
A.P.M.P.:	Agrupamento de Produtores de Mel do Parque, Lda
S. A. F. C.:	Sociedade de Apicultores da Floresta Central, Lda
FAFEMEL:	Cooperativa dos Produtores de Mel de Fafe, CRL
A. A. N.:	Agrupamento de Apicultores do Nordeste
COOPACHIQUE:	Cooperativa Agrícola do Concelho de Monchique, CRL
CAPOLIB:	Cooperativa Agrícola de Boticas, CRL
ÉVORAMEL:	Cooperativa de Apicultores do Alentejo, CRL
F. INCENSO:	Flor de Incenso – Coop. Apícola da Ilha do Pico, CRL

OPC: ORGANISMOS PRIVADOS DE CONTROLO E CERTIFICAÇÃO

SICÓ-Qualidade.:	Centro de Controlo e Certificação de Produtos Agro-Alimentares de Sicó
A. A. P. N. M.:	Associação dos Apicultores do Parque Natural de Montesinho
ADIRN:	Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Norte
Norte e Qualidade:	Instituto de Certificação de Produtos Agro-Alimentares
A. A. Nordeste:	Associação dos Apicultores do Nordeste
APILGARBE:	Associação dos Apicultores do Barlavento Algarvio
TRAD^{ão}QUAL^{dade}:	Tradição e Qualidade - Associação Interprofissional para os Produtos Agro-Alimentares de Trás-os-Montes
AADE:	Associação de Agricultores do Distrito de Évora
IAMA:	Instituto de Alimentação e Mercados Agrícolas

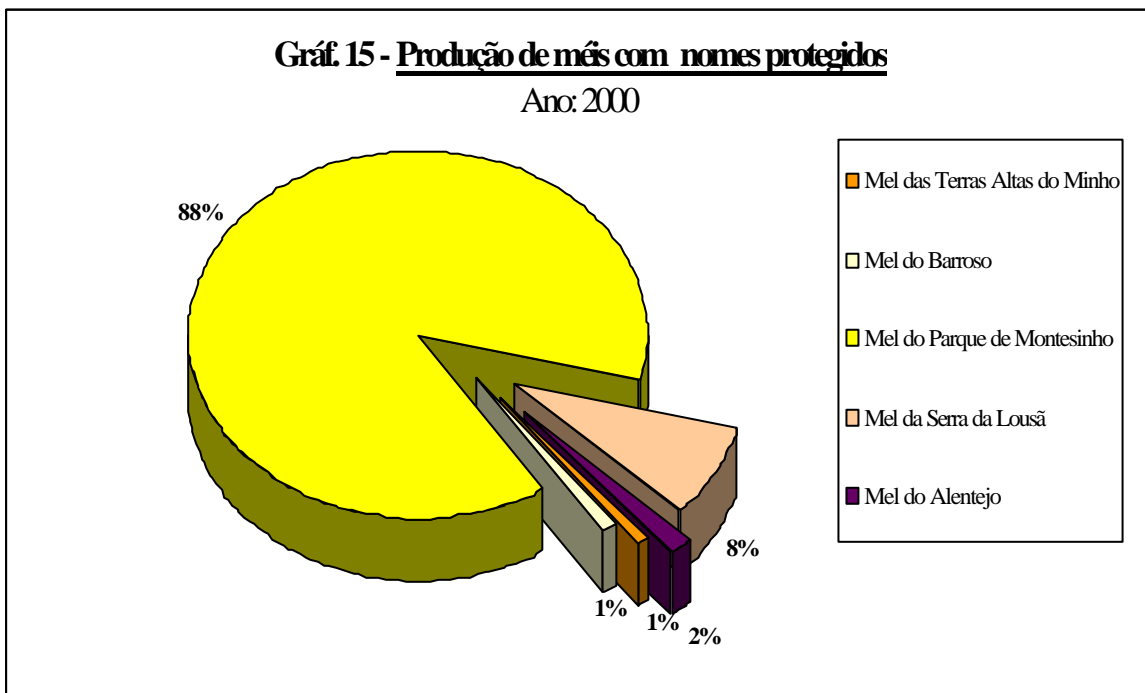
Quadro 28 - Elementos envolvidos e respectivas produções

Ano: 2000

Designação	Nº apicultores	Nº colmeias e cortiços	Produção (kg)
Mel das Terras Altas do Minho	6	126	850
Mel do Barroso	50	2385	1500
Mel do Parque de Montesinho	363	6600	100000
Mel da Serra da Lousã	56	2628	9611
Mel do Alentejo	3	393	1758
TOTAL	478	12132	113719

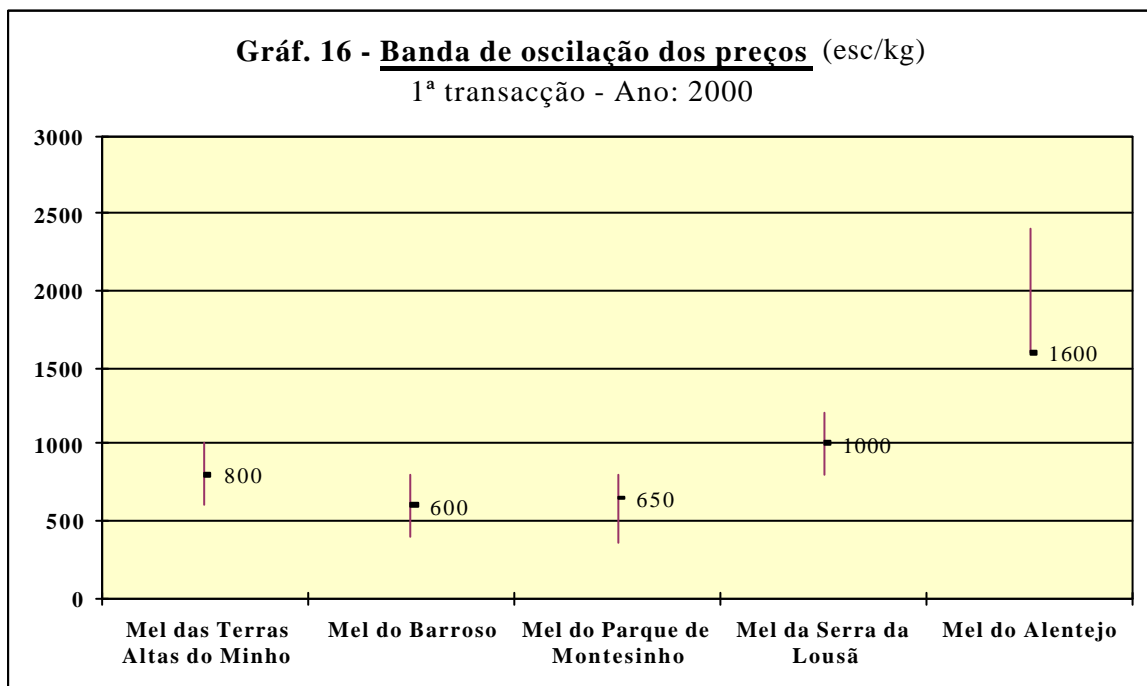
Gráf. 15 - Produção de méis com nomes protegidos

Ano: 2000



Quadro 29 - Preços relativos à primeira transacção
Ano: 2000

Designação	esc/kg		
	Mais Freqüente	Mínimo	Máximo
Mel das Terras Altas do Minho	800	600	1000
Mel do Barroso	600	400	800
Mel do Parque de Montesinho	650	370	800
Mel da Serra da Lousã	1000	800	1200
Mel do Alentejo	1600	1600	2400
MÉDIA (ponderada)	695		



Quadro 30 – Calendário das vendas dos méis com nomes protegidos em percentagens - Ano: 2000

Mel das Terras Altas do Minho

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
5										15	80

Mel do Parque de Montesinho

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Mel da Serra da Lousã

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
10	10	10	5	5	5	5		10	10	15	15

Mel do Alentejo

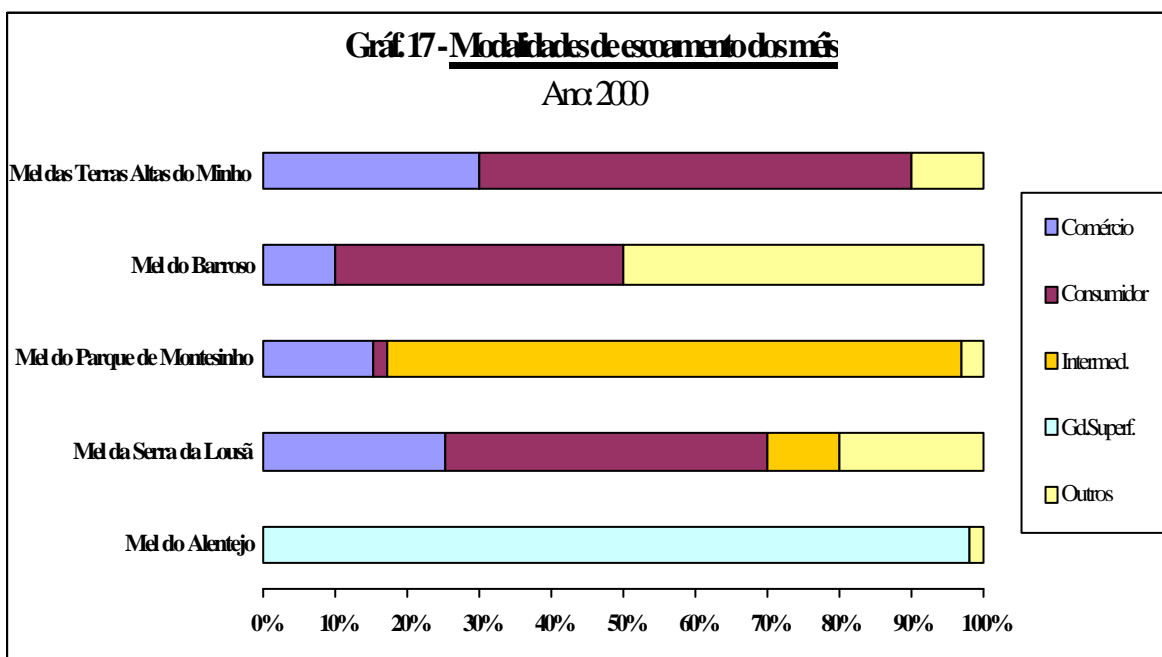
JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
	33									67	

Nota: Não foram disponibilizados dados sobre o Mel de Barroso.

Quadro 31 - Modalidades de escoamento Ano: 2000

Em %

Designação	Comércio	Consumidor	Intermed.	Gd.Superf.	Outros
Mel das Terras Altas do Minho	30	60	-	-	10
Mel do Barroso	10	40	-	-	50
Mel do Parque de Montesinho	15	2	80	-	3
Mel da Serra da Lousã	25	45	10	-	20
Mel do Alentejo	-	-	-	98	2
MÉDIAS (ponderadas)	15,7	6,5	71,2	1,5	5,1



4.8 – Azeites

Genérico *:

As produções de azeite virgem no Continente no triénio 1998-2000, segundo o INE, foram respectivamente de: 36×10^6 l, 51×10^6 l e 28×10^6 l.

Ainda segundo o INE, à excelente campanha de 1999 sucedeu-se um decréscimo de 45%, para o qual terão contribuído os ventos fortes e intensa precipitação, ocorridos durante a colheita da azeitona. Contudo o azeite produzido terá sido de boa qualidade, porque praticamente não se verificaram ataques de mosca branca e gafa.

O grau de auto-provisionamento deste produto no País foi da ordem dos 45%.

O respectivo consumo médio per capita/ano foi de aproximadamente 5,7kg.

* : Estatísticas Agrícolas do INE.

Produção:

Em 2000 existiam 6 azeites com nomes protegidos, dos quais **3** foram efectivamente comercializados. Neste ano não chegou a haver certificação de **Azeites do Norte Alentejano**, tendo sido comercializados apenas os correspondentes azeites correntes, devido à escassez de produção e às condições de mercado subjacentes.

A respectiva produção foi de **777500** l em 2000, correspondendo praticamente à manutenção do nível do ano anterior. O comportamento individual foi diferenciado: **Azeite de Trás-os-Montes** (-21%), **Azeites do Ribatejo** (124%) e **Azeite de Moura** (5%).

A produção de azeites com DOP é da ordem de **3%** da produção total de azeite virgem no País.

O **Azeite de Moura** é o mais importante em termos da produção com DOP, representando cerca de 92%, seguindo-se o **Azeite de Trás-os-Montes** com 6%.

Preços:

Em relação aos preços mais frequentes a tendência global em 2000 foi de redução/manutenção dos preços que vigoraram em 1999; as reduções mais significativas verificaram-se nos Azeites do Ribatejo.

Os níveis de preços mais altos observaram-se no Azeite de Trás-os-Montes, para o qual as oscilações entre os preços máximo e mínimo foram também maiores.

Apenas para o Azeite de Trás-os-Montes se registaram diferenças entre os preços mais frequentes dos azeites com DOP e similares sem DOP; elas foram de 15% para o “virgem extra especial”, 25% para o “virgem extra” e de 7% para o “virgem”.

Comercialização:

Em 2000, estes azeites foram comercializados através dos respectivos produtores individualmente.

A localização geográfica das vendas à primeira transacção situou-se essencialmente, (64%) nos concelhos de produção e vizinhança (nível local), tendo para o efeito contribuído essencialmente o **Azeite de Moura** (68%); o **Azeite do Ribatejo** foi maioritariamente para exportação e o **Azeite de Trás-os-Montes** foi vendido sobretudo (78%) no exterior dos concelhos de produção. A nível nacional (exterior aos concelhos de produção), foram vendidos **33%** destes azeites. As exportações representaram **4%** da quantidade total dos azeites com DOP.

Os meios de promoção mais utilizados para estes produtos continuaram a ser as Feiras e a Imprensa.

Modalidades de escoamento:

O escoamento dos azeites de modo global, no que se refere à primeira transacção, fez-se em maior volume para o **Comércio** tradicional (56%), seguindo-se as **Grandes Superfícies** (21%) e as vendas directas ao **Consumidor** (18%). Em relação ao ano anterior, verificou-se essencialmente um reforço das Grandes Superfícies e uma perda de destaque do Comércio tradicional.

Em termos individuais, a situação é diversa de acordo com cada um dos azeites considerados, como vem retratada mais adiante.

Condicionantes da produção:

Embora as respostas tivessem sido relativamente dispersas pelos oito factores condicionantes da produção, os mais frequentemente mencionados em 2000 foram os preços mais baixos dos azeites correntes e as deficiências nos circuitos de comercialização.

Quadro 32 – Azeites com nomes protegidos em 2000

Nomes protegidos (em 2000)	Despachos normativos	Agrupamentos gestores	OPC	Com produção (2000)
Azeite de Moura (DOP)	D.8/94 DR II Série, 26/01	C.A M. e Barrancos	ATOM	.
Azeite de Trás-os-Montes (DOP)	D.34/94 DR II Série, 03/02	A.O.T.M. e A. D.	A.I.A. T.M e A. D.	.
Azeite da Beira Baixa ¹ (DOP)	D.59/94 DR II Série, 03/02	A.P.A. da B.Interior	BEIRA TRAD ^{ão}	.
Azeite da Beira Alta ¹ (DOP)	“	“	“	.
Azeites do Ribatejo (DOP)	D.28/94 DR II Série, 04/02	A.A. do Ribatejo	APRODER	.
Azeites do Norte Alentejano (DOP)	D.61/94 DR II Série, 15/02	APAFNA	AADP	.
6		5	5	3

¹: Nomes integrados na DOP “Azeites da Beira Interior”

AGRUPAMENTOS GESTORES

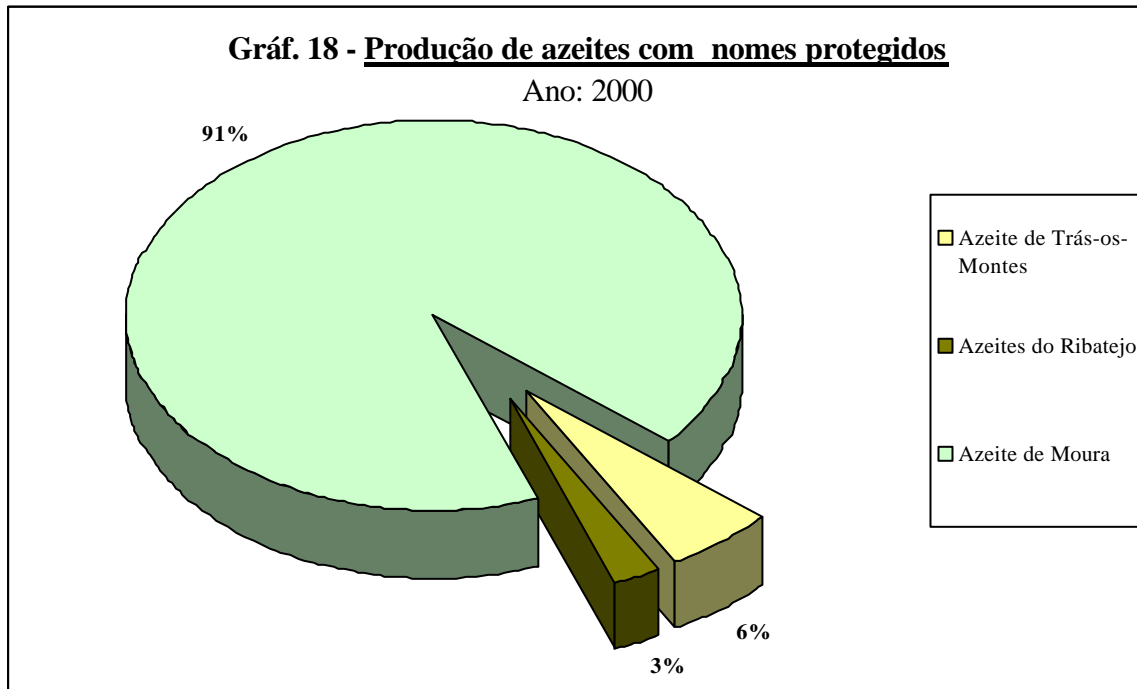
C.A M. e Barrancos: Cooperativa Agrícola de Moura e Barrancos
A.O.T.M. e A. D.: Associação de Olivicultores de Trás-os-Montes e Alto Douro
A.P.A. da B. Interior: Associação de Produtores de Azeite da Beira Interior
A.A.do Ribatejo: Associação de Agricultores do Ribatejo
APAFNA: Agrupamentos de Produtores Agrícolas e Florestais do Norte Alentejano

OPC: ORGANISMOS PRIVADOS DE CONTROLE E CERTIFICAÇÃO

ATOM: Associação Técnica dos Olivicultores de Moura
A.I.A. T.M e A.D.: Associação Interprofissional de Azeite de Trás-os-Montes e Alto Douro
BEIRA TRAD^{ão}: Beira Tradição, Certificação de Produtos da Beira, LDA
APRODER: Associação para a Promoção do Desenvolvimento Rural do Ribatejo
AADP: Associação de Agricultores do Distrito de Portalegre

Quadro 33 - Elementos envolvidos e respectivas produções
Campanha: 1999/2000

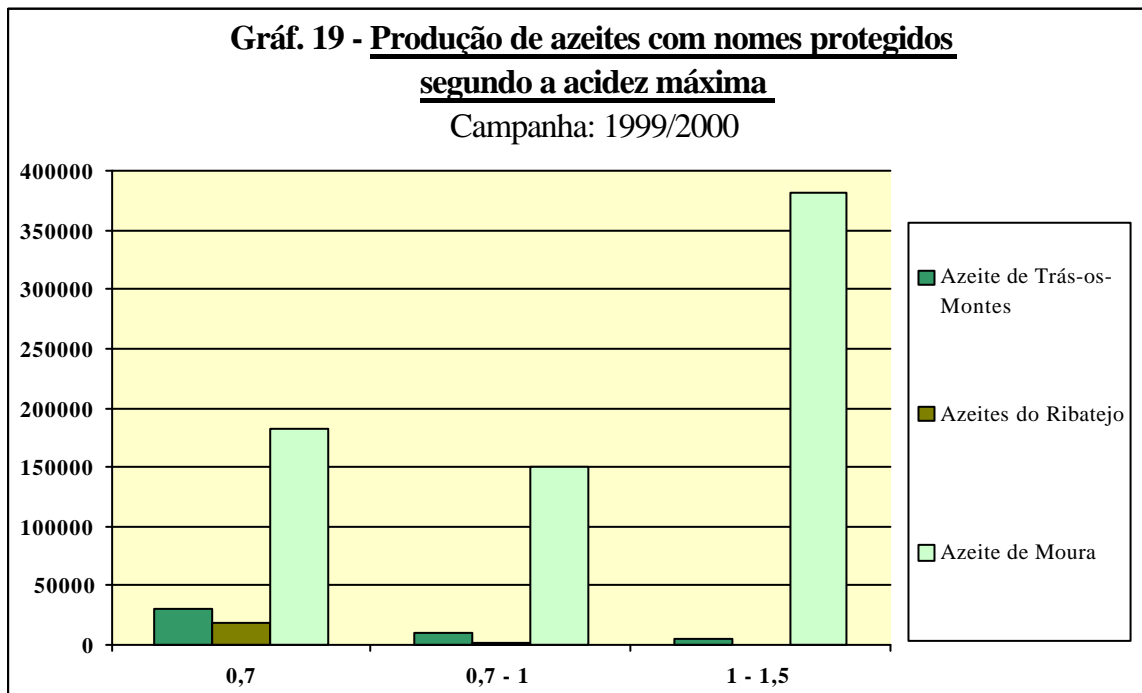
Designação	Nº explorações	Área de olival (ha)	Produção (t)
Azeite de Trás-os-Montes	800	11025	45000
Azeites do Ribatejo	5770	101	20500
Azeites do Norte Alentejano	3	-	-
Azeite de Moura	200	15000	712000
TOTAL	6606	26126	777500



**Quadro 34 - Produção de azeites com nomes protegidos
por grau de acidez máxima**
Campanha: 1999/2000

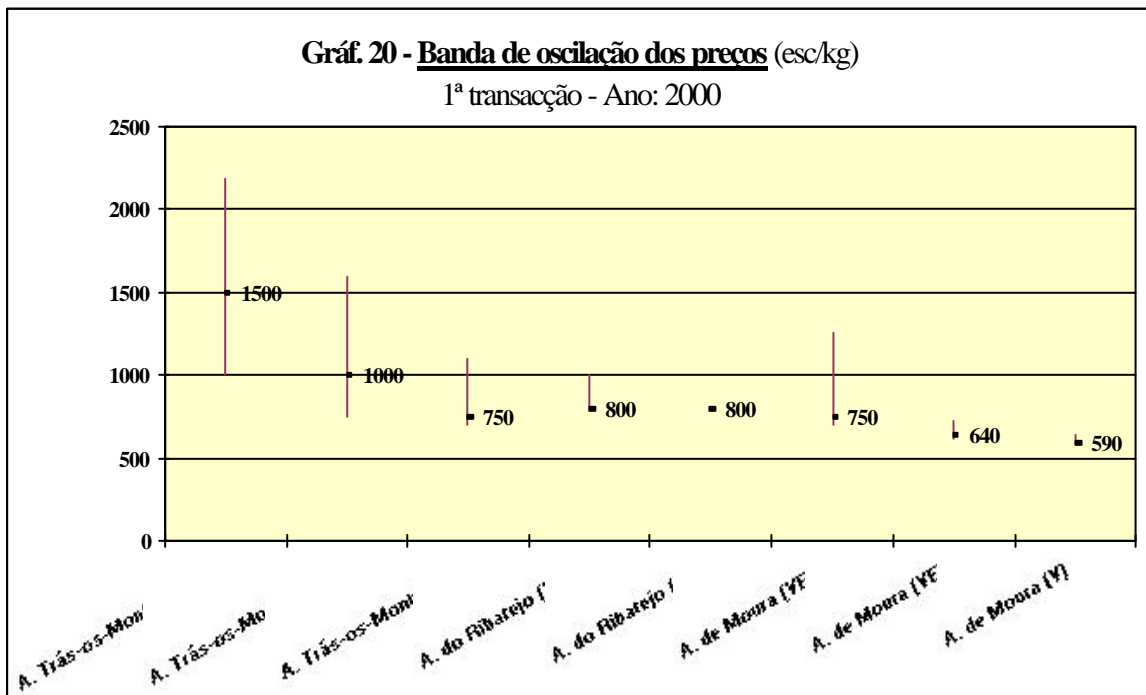
Designação	0,7 °	0,7 ° - 1 °	1 ° - 1,5 °	Total
Azeite de Trás-os-Montes	30000	10000	5000	45000
Azeites do Ribatejo	18500	2000	-	20500
Azeites do Norte Alentejano	-	-	-	-
Azeite de Moura	182000	150000	380000	712000
TOTAL	230500	162000	392500	777500

litros



Quadro 35 - Preços relativos à primeira transacção
Ano de comercialização: 2000

Designação	esc/litro		
	Mais Freqüente	Mínimo	Máximo
Azeite de Trás-os-Montes			
(VEE)	1500	1000	2190
(VE)	1000	750	1600
(V)	750	700	1100
Azeites do Ribatejo			
(VEE)	800	800	1000
(VE)	800	800	800
(V)	-	-	-
Azeites do Norte Alentejano			
(VEE)	-	-	-
(VE)	-	-	-
(V)	-	-	-
Azeite de Moura			
(VEE)	750	700	1260
(VE)	640	620	730
(V)	590	580	640



**Quadro 36 – Calendário das vendas dos azeites com nomes protegidos
em percentagens - Ano: 2000**

Azeite de Trás-os-Montes ¹

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		

Azeites do Ribatejo

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
10	5	5	10	10	10	5	5	10	10	15	5

Azeites do Norte Alentejano ²

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ

Azeite de Moura

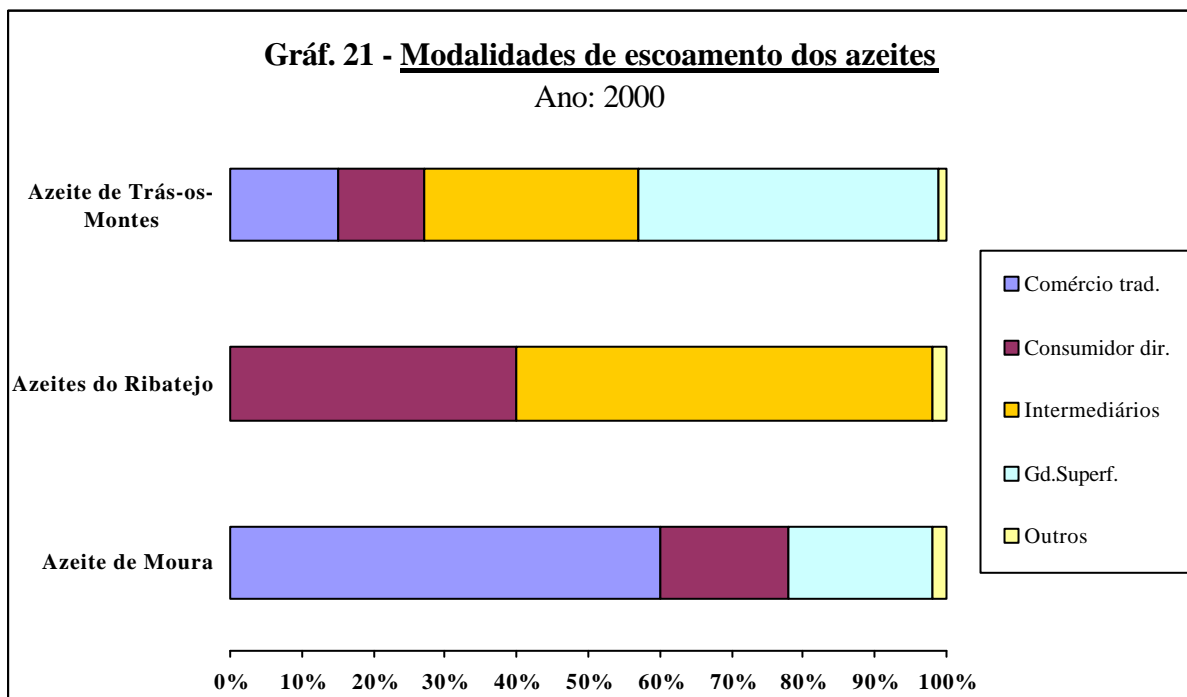
JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
7	7	9	7	8	7	8	8	8	7	10	14

¹: Percentagens não disponibilizadas.

²: Não houve produção certificada em 2000.

Quadro 37 - Modalidades de escoamento
Ano: 2000

Designação	Em %				
	Comércio tradicional	Consumidor directo	Intermed.	Gd.Superf.	Outros
Azeite de Trás-os-Montes	15	12	30	42	1
Azeites do Ribatejo	-	40	58	-	2
Azeites do Norte Alentejano	-	-	-	-	-
Azeite de Moura	60	18	-	20	2
MÉDIAS (ponderadas)	55,8	18,2	3,3	20,7	1,9



4.9 – Frutos

Genérico *:

Segundo o INE, as condições climatéricas verificadas na campanha 1999/2000 afectaram negativamente as fases de floração e vingamento dos frutos, fazendo decrescer a produção das principais pomóideas e prunóideas relativamente ao ano anterior. No quadro seguinte apresenta-se a evolução da produção das principais espécies a nível nacional, relativamente ao ano anterior:

Designação	Produção Nacional 2000 (t.)	Produção Nacional 1999 (t.)	Evolução 1999/2000
<i>Maçã</i>	245954	295368	-17%
<i>Cereja</i>	7421	16704	-56%
<i>Pêra</i>	109931	131592	-16%
<i>Pêssego</i>	65640	71326	-8%
<i>Ameixa</i>	17517	18447	-5%
<i>Citrinos:</i>	330344	273672	+21%
<i>Laranjas</i>	253916	212892	+19%
<i>Castanha</i>	33359	30913	+8%

Notas: -Os dados do INE de 2000 são ainda provisórios, sendo definitivos os de 1999.

De um modo geral e considerando as principais espécies, os preços correntes dos frutos, em esc/kg, baixou em 2000, com excepção dos casos da cereja que aumentou e da castanha que se manteve; não estão disponíveis os preços relativos à ameixa.

* : Estatísticas Agrícolas do INE.

Produção:

Dos 21 frutos com nomes protegidos existentes em 2000, foram comercializados **11**, constituindo uma evolução positiva relativamente a 1999.

Em termos da importância relativa de cada um deles, têm especial relevo por esta ordem: a **Pêra Rocha do Oeste** (86%), o **Ananás dos Açores/S.Miguel** (7%), a **Maçã** (3%) e o **Pêssego da Cova da Beira** (2%).

É de referir também o início da produção dos **Citrinos do Algarve** que representam no computo global da produção destes frutos uma quota de cerca de 0,3%.

A representatividade destes frutos nas áreas geográficas de produção, relativamente aos frutos similares correntes, varia muito e abrange uma escala que vai desde <1% para a **Castanha da Padrela**, até aos 75% para a **Cereja de S.Julião-Portalegre**.

Preços:

A evolução dos preços 1999-2000, revela uma tendência de redução/manutenção. Exceptua-se a **Cereja da Cova da Beira** para a qual se registou um aumento de 17%.

Os preços mais frequentes à primeira transacção variaram de **1800** esc/kg (Ameixa d'Elvas confitada) a **60** esc/kg (Maçã e Pêssego da Cova da Beira).

A oscilação entre os preços máximo e mínimo foi maior nos frutos com preços mais elevados como a **Ameixa d'Elvas**, o **Ananás** e o **Maracujá dos Açores/S.Miguel**.

A relação entre os preços mais frequentes DOP/Sem DOP foi variada: assim para os frutos da Cova da Beira foi de 0%, para a laranja do Algarve foi de 41% e para os restantes (excepto citrinos) situou-se entre 20 a 25%.

Comercialização:

A maioria destes frutos foi, na totalidade ou maioritariamente (Ananás dos Açores), comercializada através dos agrupamentos. Contudo a **Castanha da Padrela** e a **Cereja de S:Julião-Portalegre** foram na totalidade comercializadas através dos produtores individuais e para a **Pêra Rocha do Oeste** e os **Citrinos do Algarve** as vendas efectuaram-se através de outras entidades. De forma global, a repartição pelas três categorias de comercialização resume-se do seguinte modo: agrupamentos (**11%**), produtor individual (**2%**) e outra (**87%**).

A localização geográfica das vendas, à primeira transacção, distribuiu-se de forma geral do seguinte modo: no exterior dos concelhos de produção (nível nacional) **10%**, nos concelhos de produção (nível local) **3%** e para exportação **87%**. Analisando cada caso, verifica-se que a **Pêra Rocha do Oeste** foi totalmente exportada, os **Citrinos do Algarve** foram na quase totalidade exportados, o **Maracujá dos Açores** foi vendido essencialmente (80%) a nível local e os restantes frutos, a maioria em número, foi essencialmente vendida a nível nacional.

O meio de promoção mais utilizado para os frutos foi "Feiras", seguindo-se distanciado a "Imprensa".

Modalidades de escoamento:

O escoamento dos frutos, à primeira transacção, efectuou-se maioritariamente para os **Intermediários (52%)** e para as **Grandes Superfícies (47%)**.

Relativamente ao ano anterior verificou-se uma perda relativa da importância do Comércio tradicional e das vendas directas ao Consumidor.

Por outro lado, o Comércio tradicional continua sendo mais relevante para a **Cereja de S.Julião (70%)**.

Condicionantes da produção:

Os factores de condicionamento da produção dos frutos com DOP mais frequentemente referidos em 2000 foram as desfavoráveis condições climatéricas e as limitações dos circuitos de comercialização.

Quadro 38 – Frutos com nomes protegidos em 2000

Nomes protegidos (em 2000)	Despachos normativos (DR II Série)	Agrupamentos gestores	OPC	Com produção (2000)
Castanha dos Soutos da Lapa (DOP)	D 37/94; 04/02	BANDARRA.	A. C. I. L. V. D.	.
Castanha Marvão - Portalegre (DOP)	D 53/94; 03/02	APAFNA	AADP	.
Castanha da Terra Fria (DOP)	D 44/94; 03/02	A. P. C. C. B.	TRAD ^ç ãoQUAL ^{dade}	.
Castanha da Padrela (DOP)	D 42/94; 03/02	A.R.A.T.M.	“	.
Amêndoa Douro (DOP)	D 54/94; 03/02	A. P. A. A. D.	“	.
Azeitona de Cons. Negrinha de Freixo(DOP)	D 47/94; 03/02	C. O. M.	“	.
Maçã de Portalegre (IGP)	D 40/94; 08/02	APAFNA	AADP	.
Maçã Bravo de Esmolfe (DOP)	D 58/94; 15/02	FENAFRUTAS	FELBA	.
Maçã da Beira Alta (IGP)	D 60/94; 15/02	“	“	.
Maçã da Cova da Beira (IGP)	D 38/94; 08/02	C. A. F. C. B.	BEIRA TRAD ^ç ão	.
Maçã de Alcobaça (IGP)	D 62/94; 15/02	C. A. A.	A. A. R. A.	.
Cereja de São Julião – Portalegre (DOP)	D 46/94; 03/02	APAFNA	AADP	.
Cereja da Cova da Beira (IGP)	D 48/94; 03/02	C. A. F. C. B.	BEIRA TRAD ^ç ão	.
Pêra Rocha do Oeste (DO)	D 50/94; 03/02	ANP	CODIMACO	.
Pêssego da Cova da Beira (IGP)	D 39/94; 03/02	C. A. F. C. B.	BEIRA TRAD ^ç ão	.
Ameixa d’Elvas (DOP)	D 49/94; 03/02	FRUTECO	AADP	.
Citrinos do Algarve (IGP)	D 63/94; 15/02	UNIPROFRUTAL	APAGAL	.
Ananás dos Açores/S. Miguel (DOP)	D/SRAP/94/2, 01/02	PROFRUTOS	IAMA	.
Maracujá dos Açores/S. Miguel (DOP)	D/SRAP/94/4, 01/02	FRUTAÇOR	“	.
Anona da Madeira (DOP)	D.3/98M; 07/10	AGRIPÉROLA	CTCM	.
Frutos em Vinho do Porto (ETG)	D.7649/00; 08/04	CUPIDO	TRAD ^ç ãoQUAL ^{dade}	.
21		16	10	11

AGRUPAMENTOS GESTORES DA DOP OU DA IGP

BANDARRA.:	Cooperativa Agrícola do Concelho de Trancoso, CRL
APAFNA:	Agrupamento de Produtores Agrícolas e Florestais do Norte Alentejano
A. P. C. C. B.:	Associação de Produtores de Castanha do Concelho de Bragança
A.R.A.T.M.:	Associação Regional de Agricultores das Terras de Montenegro
A. P. A. A. D.:	Associação de Produtores de Amêndoa do Alto Douro
C. O. M.:	Cooperativa Agrícola de Olivicultores de Moncorvo, CRL
FENAFRUTAS:	Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Hortofruticultores
C. A. F. C. B.:	Cooperativa Agrícola dos Fruticultores da Cova da Beira, CRL
C. A. A.:	Cooperativa Agrícola de Alcobaça
ANP:	Associação Nacional de Produtores de Pêra Rocha
FRUTECO:	Fruticultura Integrada, Lda
UNIPROFRUTAL:	União dos Produtores Horto-Frutícolas do Algarve
PROFRUTOS:	Coop. de Produtores de Frutas, Prod. Hortícolas e Florícolas de S.Miguel, CRL
FRUTAÇOR:	Cooperativa Agrícola Açoreana de Hortofruticultura, CRL
AGRIPÉROLA:	Cooperativa Agrícola, CRL
CUPIDO:	Cupido/Plurinatura/Secosol

OPC: ORGANISMOS PRIVADOS DE CONTROLO E CERTIFICAÇÃO

A. C. I. L. V. C.:	Associação Comercial e Industrial de Lamego e Vale do Douro
AADP:	Associação de Agricultores do Distrito de Portalegre
TRAD^çãoQUAL^{dade} .:	Associação Interprofissional, Produtos Agro-Alimentares de Trás-os-Montes
FELBA:	Centro de Valorização dos Frutos e Legumes da Beira Alta
BEIRA TRAD^ção:	Beira Tradição, Certificação de Produtos da Beira, LDA
A. A. R. A.:	Associação de Agricultores da Região de Alcobaça

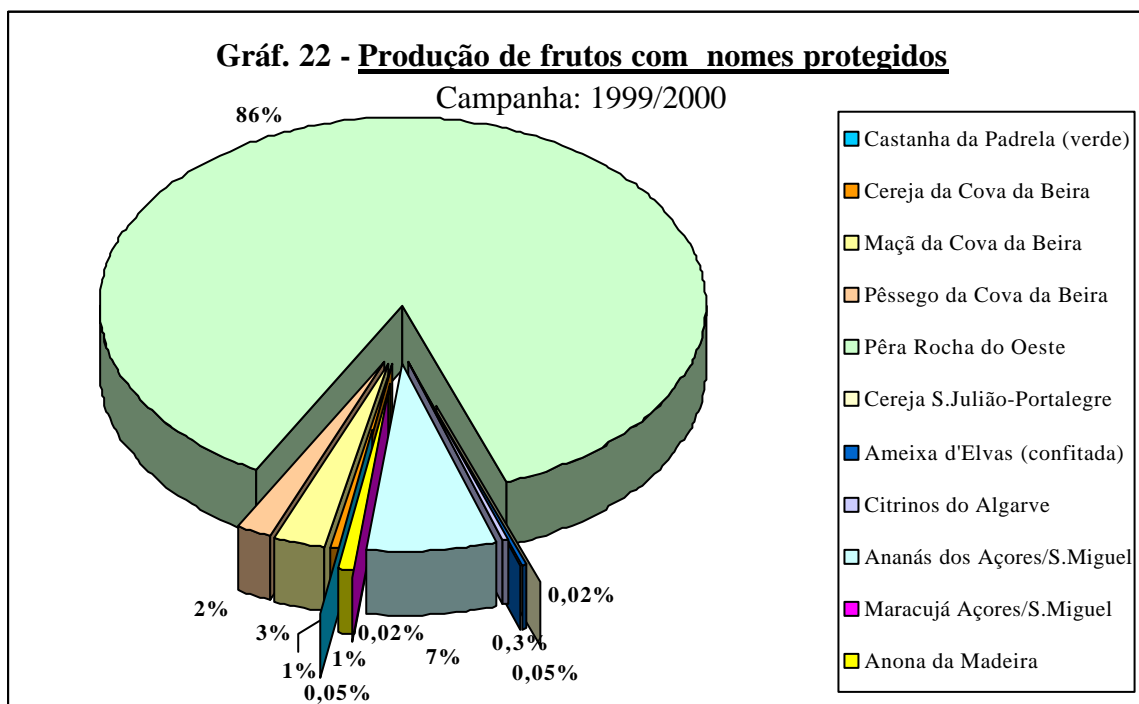
CODIMACO:	Associação Interprofissional Gestora de Marcas Colectivas
CTCM:	Comissão Técnica de Certificação da Região Autónoma da Madeira
APAGAL:	Ass. para os Produtos Agro-Alimentares Tradicionais Certificados do Algarve
IAMA:	Instituto de Alimentação e Mercados Agrícolas

Quadro 39 - Elementos envolvidos e respectivas produções
Campanha: 1999/2000

Designação	Nº explorações	Área (ha)	Produção (kg)
Castanha da Padrela (verde)	12	25	12000
Cereja da Cova da Beira	86	80	134000
Maçã da Cova da Beira	63	183	721400
Pêssego da Cova da Beira	118	165	473000
Pêra Rocha do Oeste	8000	9000	22043677 ¹
Cereja de S.Julião - Portalegre	2	2,5	6017
Ameixa d'Elvas (confitada)	3	25	12000
Citrinos do Algarve²:	x	x	83536
Laranjas	x	x	59924
Clementinas	x	x	5380
Tangerinas	x	x	13877
Toranjas	x	x	105
Limões	x	x	4250
Ananás dos Açores/S.Miguel	532	x	1778078
Maracujá dos Açores/S.Miguel	16	x	5089
Anona da Madeira	18	x	210000

¹: Para exportação.

²: Categorias I e II.

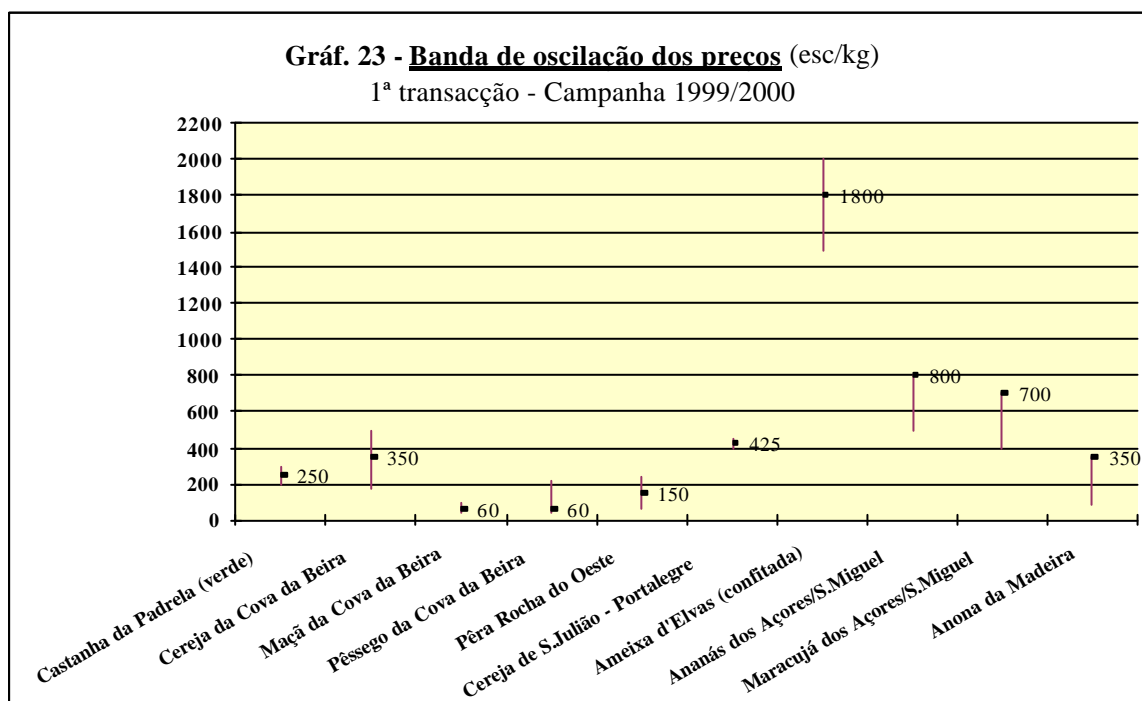


Quadro 40 - Preços relativos à primeira transacção
Campanha: 1999/2000

Designação	esc/kg		
	Mais Freqüente	Mínimo	Máximo
Castanha da Padrela (verde)	250	200	300
Cereja da Cova da Beira	350	170	500
Maçã da Cova da Beira	60	40	100
Pêssego da Cova da Beira	60	40	220
Pêra Rocha do Oeste ¹	150	60	240
Cereja de S.Julião - Portalegre	425	400	450
Ameixa d'Elvas (confitada)	1800	1500	2000
Citrinos do Algarve²:			
Laranjas	62	x	x
Clementinas	94	x	x
Tangerinas	82	x	x
Toranjas	100	x	x
Limões	85	x	x
Ananás dos Açores/S.Miguel	570	500	800
Maracujá dos Açores/S.Miguel	450	400	700
Anona da Madeira	280	80	350

¹: Para exportação.

²: Categoria II.



Quadro 41 – Calendário das vendas dos frutos com nomes protegidos em percentagens - Campanha: 1999/2000

Castanha da Padrela (verde)

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
										70	30

Cereja da Cova da Beira

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
				35	63	2					

Maçã da Cova da Beira

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
10	9	15	20	9				3	11	7	16

Pêssego da Cova da Beira

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
					11	32	42	14	1		

Pêra Rocha do Oeste

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
10	5	5	5	5			10	15	15	15	15

Cereja de São Julião - Portalegre

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
					80	20					

Ameixa d'Elvas (confitada)

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
10	10	10	10	5	5	5	5	10	10	10	10

Laranjas do Algarve

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
10		4	9	7	3	18	8	19			22

Ananás dos Açores/São Miguel

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
4	4	7	4	4	3	5	5	7	6	9	42

Maracujá dos Açores/São Miguel

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
7	18	15			3	6	30	19			2

Anona da Madeira

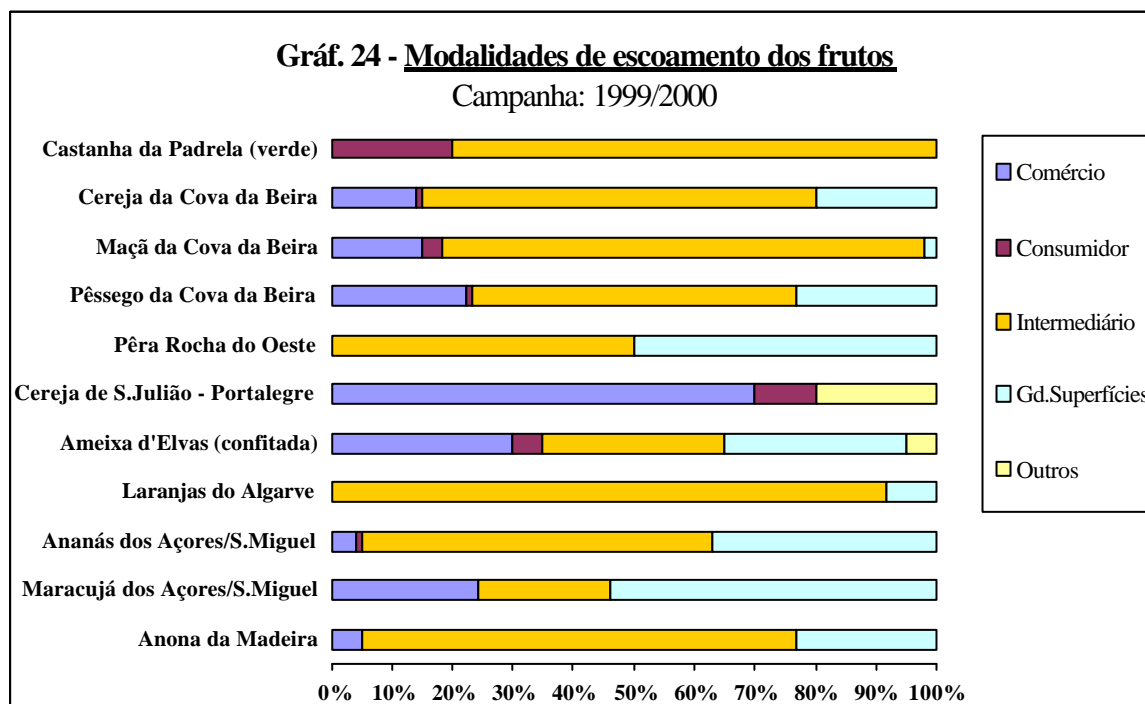
JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Quadro 42 - Modalidades de escoamento
Campanha 1999/2000

Em %

Designação	Comércio	Consumidor	Intermed.	Gd.Superf.	Outros
Castanha da Padrela (verde)	-	20	80	-	-
Cereja da Cova da Beira	14	1	65	20	-
Maçã da Cova da Beira	15	3	80	2	-
Pêssego da Cova da Beira	22	1	54	23	-
Pêra Rocha do Oeste ¹	-	-	50	50	-
Cereja de S.Julião - Portalegre	70	10	-	-	20
Ameixa d'Elvas (confitada)	30	5	30	30	5
Citrinos do Algarve :					
Laranjas	-	-	92	8	-
Clementinas	-	-	97	3	-
Tangerinas	-	-	97	3	-
Toranja	-	-	100	-	-
Limões	-	-	100	-	-
Ananás dos Açores/S.Miguel	4	1	58	37	-
Maracujá dos Açores/S.Miguel	24	-	22	54	-
Anona da Madeira	5	-	72	23	-
TOTAL	1,3	0,2	51,9	46,7	0,01

¹: Escoda para fora do País.



Parte 3

Conclusões

5 Conclusões

5.1 – Abordagem por sector e região

Apresenta-se no quadro seguinte a situação destes produtos nos diferentes sectores, comparando 1999 e 2000:

Quadro 43 - Número de produtos com nomes protegidos por sector

Unidade: nº de ocorrências

Sector	Total		Comercializados	
	1999	2000	1999	2000
Queijos	14	14	13	14
Carnes de bovino	12	12	10	11
Carnes de ovino	7	8	5	6
Carnes de caprino	5	5	3	3
C. Porco Alentejano	-	1	-	1
P.salsicharia	15	22	13	20
Méis	12	12	5	5
Azeites	6	6	4	4
Frutos	19	21	8	11
Total	90	101	61	75

O número de produtos com nomes protegidos aumentou significativamente, porque foram reconhecidos: o Cordeiro de Barroso, a Carne de Porco Alentejano, os produtos de salsicharia de Estremoz e Borba (7), os Citrinos do Algarve e a Anona da Madeira.

Por outro lado, o número de produtos efectivamente comercializados também aumentou, devido à entrada em produção de: Queijo Rabaçal, Carne Marinhoa, Cordeiro de Barroso, Carne de Porco Alentejano, produtos de salsicharia de Estremoz e Borba (7), Citrinos do Algarve, Maracujá dos Açores/S.Miguel e Anona da Madeira.

A relação entre os produtos efectivamente comercializados e o total com nomes protegidos em 2000 (74%) foi superior, na globalidade, à verificada no ano anterior (68%).

Os sectores em que esta relação foi mais baixa foram o dos **méis** (42%) e dos **frutos** (52%). Os sectores em que ela foi mais elevada foram o dos **queijos** (100%), das carnes **de bovino** (92%) e dos produtos de **salsicharia** (91%).

Quadro 44 - Distribuição regional dos produtos com nomes protegidos

Ano: 2000

Unidades: P e PC em nº de ocorrências

Indicador	EDM	TM	BL	BI	RO	AL	ALG	AÇO	MAD
P	7	26	12	15	9	37	3	5	1
PC	6	19	7	7	4	34	1	4	1
PC/P	0,86	0,73	0,58	0,47	0,44	0,92	0,33	0,80	1,00

P: Número de produtos com nome protegido.

PC: Número de produtos com nome protegido que foram efectivamente comercializados.

NOTA: Não são contabilizados, em cada região, os produtos com área geográfica de produção marginal. O número de produtos no país é menor que o respectivo somatório das regiões, visto que as áreas geográficas de alguns se estendem por mais do que uma região.

Como nos anos anteriores, as regiões agrárias do Alentejo, Trás-os-Montes e Beira Interior, por esta ordem, são as mais relevantes quanto ao número de produtos com nomes protegidos reconhecidos e efectivamente comercializados.

A relação entre o número de produtos com nomes protegidos comercializados e reconhecidos (PC/P) aumentou relativamente ao ano anterior nas regiões de Trás-os-Montes (68% para 73%), Beira Litoral (42% para 58%) e Açores (60% para 80%).

5.2 – Outras conclusões

A **produção** global destes produtos aumentou em **2%** relativamente a 1999. Os sectores em que se verificaram aumentos foram os dos queijos, carnes de bovino e produtos de salsicharia; este último em especial mais do que quadruplicou a produção, sobretudo devido à **Alheira de Mirandela**.

Nos restantes sectores houve diminuições das respectivas produções.

A evolução das tendências relativas aos preços mais frequentes dos diferentes sectores, pode resumir-se do seguinte modo:

Os sectores dos queijos, carnes de caprino e frutos **mantiveram/reduziram** tendencialmente os respectivos preços.

Os sectores das carnes de bovino, de ovino e produtos de salsicharia **aumentaram** tendencialmente os preços.

O sector dos méis **manteve** os preços e no sector dos azeites a evolução foi mais **heterogénea** de acordo com cada caso.

Considerando os destinatários das vendas à primeira transacção a partir dos produtores e/ou agrupamentos, que designamos por **modalidades de escoamento**, os sectores podem ser agrupados em três conjuntos, segundo a modalidade predominante:

- Predominam as **Grandes Superfícies**: nos sectores das Carnes de Bovino, Ovino, Suíno e Produtos de Salsicharia.
- Predominam os **Intermediários**: nos sectores dos Queijos, Méis e Frutos.
- Predomina o **Comércio** tradicional (Talhantes): nos sectores das Carnes de Caprino e Méis.

Considerando globalmente a situação, verifica-se que em relação ao ano anterior se reforçaram as vendas para os **Intermediários** (52%) e para as **Grandes Superfícies** (47%). Estas duas modalidades de escoamento prevalecem sobre as outras.

A análise dos factores que **condicionaram a produção** em 2000, nos diferentes sectores, permite concluir que:

- De modo geral, os factores mais frequentemente referidos nos diferentes sectores foram as deficiências nos **circuitos de comercialização**, os preços mais baixos dos **produtos similares** sem nomes protegidos e o escasso número de **produtores aderentes** ao processo de certificação.
- Para os sectores dos méis, azeites e frutos, as desfavoráveis **condições climatéricas** tiveram uma influência assinalável no condicionamento das respectivas produções.

Quem comercializou o maior número de produtos com nomes protegidos foram os respectivos agrupamentos; neste aspecto, a análise sectorial revela que as excepções à regra verificaram-se nos casos dos produtos de salsicharia e azeites, que foram totalmente comercializados através dos produtores individualmente .

Os **meios de promoção** utilizados para os diferentes produtos foram questionados com base nas seguintes categorias: Feiras, Imprensa, Rádio, Televisão Painéis e Outros. As respostas obtidas demonstram que os meios mais utilizados para o conjunto dos sectores continuaram a ser, por esta ordem, as Feiras e a Imprensa.

Em termos da **localização das vendas** dos produtos por sector, ao nível da **primeira transacção**, a situação apurada está quantificada no quadro seguinte:

Quadro 45 – Localização geográfica das vendas
Ano: 2000

Unidade: em percentagem

Sectores	Local ¹	Nacional ²	Exportação
Queijos	18	81	1
Carnes de Bovino	28	72	-
Carnes de Ovino	21	79	-
Carnes de Caprino	27	73	-
Carne de Suíno	5	95	
Prod.Salsicharia	13	87	
Méis	13	12	75 ³
Azeites	64	33	3
Frutos	3	10	87

1: Na área geográfica de produção e concelhos vizinhos

2: Fora da área geográfica de produção e concelhos vizinhos

3: Deve-se exclusivamente ao Mel do Parque de Montesinho com 85% para exportação

De modo geral e por sector, predominaram as vendas **fora** das áreas geográficas de produção e concelhos vizinhos (nível nacional).

Os méis os frutos e os azeites são neste contexto casos especiais; os dois primeiros sectores com uma forte componente para exportações, 75% e 87%, e os segundos com uma distribuição das vendas concentrada no interior das áreas geográficas de produção, na ordem dos 64%.

6 Referências bibliográficas

1. *Cadernos de Especificações*, dos produtos com nomes protegidos.
2. Direcção Geral de Desenvolvimento Rural, (1998/99), relatório sobre os inquéritos aos produtos tradicionais com nomes protegidos em 1999. Elaborado por: Victor Oliveira ; Coordenação de Margarida Oliveira, MADRP/DGDR, Lisboa.
3. Direcção Geral de Desenvolvimento Rural, *Guia dos Produtos de Qualidade 2000*, MADRP/DGDR, Lisboa.
4. Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar, *Anuário Pecuário 2001*, MADRP/GPPAA, Lisboa.
5. Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar, *Anuário Hortofrutícola 2001*, MADRP/GPPAA, Lisboa.
6. Instituto Nacional de Estatística , *Estatísticas Agrícolas 2000*, INE, Lisboa.